

PESSOAS e LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader +

Directora: Cristina Cavaco

www.leader.pt

II Série | Nº 47 - 2008



"Monumento ao Bombeiro" (Pinhel) / João Linhão

Em Destaque

Arte em territórios rurais



Raia Histórica

**Raia
Histórica**

P 12 Um fim-de-semana na Raia Histórica

P 4 e 5 Projecto "Terras Europeias"

P 6 e 7 "Olhares sobre o Mundo Rural"

P 16 e 17 RE.CI.PRO.CO

Arte e Desenvolvimento

Lembrei-me de fazer um périplo pela “net” à procura de uma definição sobre arte que me guiasse este editorial. Mergulhei num mar de opiniões e definições. O que em boa verdade era evidente. “Arte é o conhecimento usado para realizar determinadas habilidades ou beleza transcendente de um produto de actividade humana”. “A arte é a capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma ideia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria”. Encontrei ainda outra definição, eventualmente mais analista e intimista, “a arte denuncia, educa, traz prazer e acalma um mundo moderno, cheio de stress e inconstâncias. Quanto mais caótico, poluído e sem memória, o mundo mais precisa de arte”. Perante esta vastidão de abordagens tentei ainda assim organizar ideias.



Temos na nossa cabeça uma ideia sobre arte que julgamos clara. Mas quando nos confrontamos com a necessidade de a explicar, turva-se a nossa lucidez e tudo sai vago e incompleto. Será porventura esta a melhor faceta da arte, a incapacidade de se explicar e de se definir. Um desafio sistemático às nossas fronteiras, aos nossos dogmas e preconceitos. É por isso que a arte, e a cultura de uma forma geral, é tão importante para o desenvolvimento pessoal das nossas comunidades e, naturalmente, das sociedades.

Nos nossos territórios rurais e não só, claro, muitos dos atavismos, a todos os níveis, advêm da nossa incapacidade de pensar mais além do que o nosso mundo. Esta limitação expressa-se na forma como olhamos os outros, como exercemos o nosso trabalho e, muito importante, como lidamos com a mudança. Esta mudança requer abertura de espírito, renunciando aos nossos vícios. Queiramos ou não, o mundo mudou, eventualmente, para pior para alguns, para melhor para outros, mas mudou. A sustentabilidade implica continuidade. A rapidez com que se operam as transformações no mundo actual obriga a que a sustentabilidade do desenvolvimento se consiga através da capacidade de ajustamento dos territórios às condicionantes socioeconómicas à escala nacional e mundial.

Tentar forçar o desenvolvimento é um erro caro. São muitos os casos de programas de apoio que tentaram resolver questões em contravapor, muitas vezes, por falta de visão, ou por comodidade política. O desenvolvimento não se decreta, pratica-se.

O programa LEADER+ faz o seu papel. Tem apoiado um conjunto de actividades de natureza cultural. Grupos de teatro e de música, museus rurais, a edição de livros, ateliers e exposições, frequentemente, em íntima ligação com escolas; enfim, um sem número de projectos, que integram uma característica interessante: associam as actividades culturais à memória da sua região, permitindo desenvolver um espírito de identidade.

Trata-se, pois, de uma questão de arte estas coisas do desenvolvimento e da própria política. “...Quanto mais caótico, poluído e sem memória, o mundo mais precisa de arte”. Se calhar é por isso que me surgiu a ideia de que o LEADER será arte quando se fala em desenvolvimento rural.

Rui Veríssimo Batista
Chefe de Projecto PIC LEADER+



Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:	
Organização:	
Função:	
Morada:	
	Código postal: -
Telefone:	Fax:
E-mail:	
Comentários:	

Recorte ou fotocopie, e envie para: DGADR, Rede Portuguesa LEADER+, Tapada da Ajuda - Edifício I - 1349-018 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos divulgar e promover o LEADER+, assim como reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

DGADR - Direcção-Geral de
Agricultura e Desenvolvimento Rural
Rede Portuguesa LEADER+
Tapada da Ajuda - Edifício I
1349-018 Lisboa

Telf.: 21 361 32 57
Fax: 21 361 32 77

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ **www.leader.pt** e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no link **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação à DGADR com a devida antecedência. Obrigado.

Mais artes no dia-a-dia dos cidadãos

O programa Território Artes actua na área da prestação de um serviço público cultural de base e integra acções que visam a criação de condições para melhorar o acesso do cidadão aos bens culturais no domínio das artes e a correcção de assimetrias regionais e desigualdades sociais. O desenvolvimento do programa está associado a uma plataforma informática, Oficina Virtual, disponibilizada através da Internet e compreende três dimensões de actuação:

- gestão e disponibilização de informação através de directórios com dados relativos a câmaras municipais, espaços, produções artísticas e respectivas entidades fornecedoras;
- contratação on-line de espectáculos, ateliês e exposições dando origem a um agendamento com base no funcionamento de uma Bolsa de Acções Artísticas;
- contratualização de linhas de investimento prioritário, entre o Ministério da Cultura e os municípios, associadas à possibilidade de co-financiamento no agendamento de produções artísticas.

Democratizar o acesso à informação

O programa Território Artes disponibiliza de forma livre e universal informação necessária para o funcionamento do mercado no domínio das artes do espectáculo. Todos os que exercem a actividade de programação cultural, independentemente de estarem no centro ou na periferia e dos conhecimentos pessoais que possuem à partida, têm acesso à mesma informação: quais as produções artísticas disponíveis para circulação, quais as suas características e requisitos técnicos, quem contactar para efectuar o seu agendamento. Todas as entidades fornecedoras de produções artísticas têm acesso a toda a informação disponibilizada sobre recintos existentes, respectivas características técnicas e contactos.



Comédias do Minho / João Lima

TERRITÓRIOARTES

Directórios de Informação disponíveis na Oficina Virtual: Directório de Compradores (com 225 Compradores, dos quais 210 são municípios); Directório de Fornecedores com produções registadas (com 178 registos); Directório de Espaços (com 394 registos); Directório de Produções (com 716 registos). Registos existentes em Janeiro de 2008.

Agendar em rede e em tempo real

No âmbito do programa Território Artes, entre Outubro de 2006 e Dezembro de 2007, foram agendadas através do funcionamento da plataforma de contratação online 1018 sessões de espectáculos, ateliês de formação e exposições (131 sessões em 2006 e 887 em 2007). O funcionamento do programa é acompanhado e avaliado pelo Observatório das Actividades Culturais, entidade independente que monitoriza o programa analisando os aspectos de inovação, serviço público e mercado.

Acções de grande envolvimento nacional

O programa Território Artes integra, ao lado das programação regular de espectáculos, exposições e ateliês, o desenvolvimento de acções que permitem a participação activa, criativa e simultânea de todos os Municípios, de todos os agentes públicos e privados localizados em todo o território nacional. São assim as Acções de Grande Envolvimento Nacional (AGEN). Estas acções têm como principal pólo de irradiação de actividades uma exposição disponibilizada a todas as entidades participantes e que funciona como mínimo denominador comum entre as centenas de promotores que em todo o País sustentam a sua exibição e o desenvolvimento de actividades complementares. Entre 27 de Março e 6 de Abril de 2008 decorre uma acção nacional que assinala as comemorações do Dia Mundial do Teatro, e no âmbito da qual, sob o tema “Teatro para Todos / Todos os Teatros” a maioria dos municípios do país inauguram em simultâneo a exposição “O que é o Teatro?” e promovem a realização de milhares de actividades complementares. Momento de Festa, reflexão e debate, com proximidade máxima ao cidadão, a inauguração, simultânea em todo o país da exposição “O que é o Teatro?” é mais um passo do programa Território Artes na prossecução do objectivo de reforçarmos a presença das práticas artísticas no dia-a-dia dos cidadãos.

Orlando Farinha
Director-Geral das Artes, Ministério da Cultura

Arte em territórios rurais

Terras Europeias

Pôr a população do território em contacto com a arte, promover experiências artísticas e colocar em rede agentes culturais são alguns dos objectivos do projecto “Terras Europeias”. A par deste desenvolvimento cultural, a Raia Histórica tem como objectivo a promoção do turismo local, numa perspectiva de melhoria da qualidade de vida das populações.

Potenciar um desenvolvimento cultural em várias frentes, colocar em rede agentes culturais existentes e desenvolver a experiência artística em diálogo com o território são os objectivos centrais do projecto “Terras Europeias”, promovido numa parceria conjunta entre os Grupos de Acção Local (GAL) do programa de iniciativa comunitária LEADER+: Raia Histórica - Associação de Desenvolvimento do Nordeste da Beira (Portugal), Pays de Fougères e Sud Charente (França).

Segundo o coordenador da Raia Histórica, José António de Sales Gomes, este projecto de cooperação transnacional, desenvolvido no quadro do Vector 2 do LEADER+, é uma aposta no tema “arte no território” que vem “no seguimento de uma aposta turística” da associação para a zona de intervenção.

A iniciativa surge na sequência da experiência desenvolvida pelas duas associações parceiras no projecto, cuja intervenção consiste no convite a artistas plásticos para permanecerem cerca de dois meses nos territórios destas associações, estabelecendo uma relação com a população local, contribuindo, ao mesmo tempo, com a sua presença, para a animação do território.

É na lógica deste modelo que a Raia Histórica pretende desenvolver o projecto. Segundo José António de Sales Gomes “pretendíamos fazer algo semelhante com a população estudantil, nomeadamente com os alunos de artes da Escola Secundária de Pinhel”. Assim, dois grupos de dois jovens desta escola terão oportunidade de visitar duas cidades francesas. Na resposta, a associação portuguesa vai receber dois artistas franceses em Pinhel. O que pode constituir mais uma oportunidade para os alunos portugueses contactarem com artistas franceses, permitindo que a população se envolva em momentos de animação com os artistas visitantes.

Estas acções pretendem estimular uma ligação mais forte entre estes jovens e o território. “A ideia é que o projecto se prolongue” e crie laços, envolvendo ao mesmo tempo a população em actividades de animação. Na Raia Histórica existe a expectativa de que estes jovens possam vir a manter “esse espírito de arte no território” e, em simultâneo, “pode ser uma oferta turística”.

A Raia Histórica, perante um território de perfil montanhoso, que sofre da situação periférica em relação aos centros urbanos do litoral português, que se debate com a desertificação humana e com poucas oportunidades de competitividade, privilegiou, nos 10 últimos anos, uma estratégia de desenvolvimento económico assente nos recursos do território, em que o elemento humano é central. É, no entanto, evidente que a expressão artística não tem a mesma vitalidade que a expressão cultural. Existe um património cultural que resiste, patente nos monumentos e recursos transformados pelo homem, mas a dimensão artística marca uma presença discreta, quase circunscrita a iniciativas municipais, que recorrem a actores de fora da região, contemplando áreas como o cinema, teatro, edição literaria, sessões de poesia, exposições, concertos, festivais e feiras diversas.

Contactar meio artístico

Na resposta aos constrangimentos da zona de intervenção, a estratégia local da Raia Histórica é baseada na valorização de recursos locais e tem como directriz “A melhoria da qualidade de vida da população”. Neste sentido, o “turismo revelou-se um dos sectores mais activos, permitindo uma mais-valia centrada numa utilização duradoura dos recursos”. Esta perspectiva implica “uma intervenção meticulosa sobre todos os níveis da dimensão cultural do território”.



Esc. Sec. Pinhel / João Lima



Esc. Sec. Pinhel / João Lima

“...pôr o concelho de Pinhel, ou o distrito da Guarda, na rota da arte nacional ou mesmo internacional”

A intervenção da Raia Histórica no domínio das artes não é uma experiência nova. O contacto das populações com o meio artístico tem sido ensaiado em diversas experiências no território. “Tentámos pôr esta ideia em prática em Almeida”, tendo a câmara local organizado a Feira das Artes, que consistiu num fim-de-semana dedicado à pintura. Também, em Pinhel, durante o Verão, a iniciativa foi testada, através do convite a artistas para uma actividade semelhante.

O projecto “Terras Europeias” põe ênfase nesta relação entre o território e a população, sendo que a experiência dos GAL Pays de Fougères e Sud Charente pode contribuir para uma transferência de saberes importante para o GAL português. É a possibilidade de colocar a arte em contacto directo com a população, habitualmente distante da criação artística.

O objectivo é encontrar motivos de atracção para os visitantes, envolvendo também a população local. Uma dimensão que, segundo José António de Sales Gomes, “pode ser um novo caminho de desenvolvimento através do turismo”. No futuro, pretende-se consolidar a criação de uma rede ou mesmo de uma residência de artistas. À imagem do que acontece em Vila Nova de Cerveira, “há uma vontade nossa e um acolhimento por parte dos municípios em apoiarem a ideia”, revela o coordenador da Raia Histórica.

João Limão



O projecto na escola

A área de artes, Departamento de Artes e Ideias, tem “alguma tradição e procura” na Escola Secundária de Pinhel, salienta Carlos Franco, professor que representa a escola no projecto “Terras Europeias”.

No presente, com a criação de uma nova turma de 10º ano, de 18 alunos, aumenta para 50 o número de estudantes nesta área, entre os vários anos. O que faz com que, neste momento, a Escola Secundária de Pinhel seja “a mais vocacionada para as artes no distrito”.

Esta motivação dos alunos em procurarem o curso de artes não é fácil de explicar. Segundo Carlos Franco, o fenómeno pode ter duas explicações: “o corpo docente da própria escola, que faz um esforço muito grande para motivar os alunos para as artes” e a escassez de perspectivas de emprego entre os recém-licenciados, que aponta para que os alunos optem por uma área de que gostam, independentemente das saídas profissionais.

Além disso, de acordo com Carlos Franco, não se pode restringir o curso à “perspectiva mais purista que são as artes plásticas”, porque existem alternativas ao nível de outras vertentes como o design ou arquitectura. Os alunos “estão a preparar-se para ser pintores ou escultores, mas também arquitectos, designers ou técnicos de computação gráfica.”

Áreas de trabalho com saída profissional e tendência a crescer.

Para Carlos Franco, os dados demonstram que “temos matéria humana”, e “património” na região. Daí que seja lógico que a Raia Histórica e a Escola Secundária de Pinhel procurem “fazer um projecto que agregue todos esses factores e que mantenha a população mais jovem ligada ao concelho”. É o caso do projecto “Terras Europeias”. A longo prazo, o principal objectivo “é incentivar os alunos de artes”, de forma a que se mantenham ligados a Pinhel, mesmo depois de terminarem a formação escolar.

Uma dinâmica que não se pode reduzir à acção no quadro do projecto, devendo ser complementada com outras intervenções. Segundo Carlos Franco, pretende-se “em paralelo, fazer crescer toda esta dinâmica de exposições, num trabalho com a comunidade, com os parceiros franceses, e, se possível, alargá-lo ainda mais”.

Aliás, a experiência de trabalho em parceria no domínio das artes não é nova. A ligação entre a escola e a comunidade tem sido ensaiada ao longo de várias experiências de criação artística dos alunos. “Temos um protocolo com o município, de forma que, na escola, se vão desenvolvendo intervenções, na criação de peças que possam, de alguma forma, valorizar a cidade”. É o que acontece com a escultura do centenário dos Bombeiros Voluntários Pinhenses, que se encontra numa rotunda da via pública, junto à escola, e que resultou de um concurso entre os alunos.

É na forma de pequenas intervenções em conjunto com a comunidade, como “exposições anuais em Pinhel” que se torna possível “trazer esses antigos alunos a participar”.

Ainda de acordo com Carlos Franco, a longo prazo, os objectivos do projecto “Terras Europeias” são “pôr o concelho de Pinhel, ou o distrito da Guarda, na rota da arte nacional ou mesmo internacional”, beneficiando também da localização próxima de Espanha. Este pode ser um modelo alternativo de promover o desenvolvimento da região, contrastante com a fragilidade da agricultura e indústria. “A arte pode ser esse mecanismo.”

Cinema

Olhares sobre o Mundo Rural

Sete filmes. Quatro realizadores. Género: Documentário. “Cinema memória”, retrato do mundo rural passado, com estímulos para a descoberta da realidade presente. “Olhares sobre o Mundo Rural” que deixam a película e entram na retina.

“Ponte LEADER”. As letras da placa em grande plano no ecrã não deixam dúvidas. O documentário em exibição retrata o complexo processo de aquisição da ponte que retira a aldeia de Chelas, Trás-os-Montes, da situação de profundo isolamento em que se encontra, colocando-a mais perto de Mirandela, e deve o nome ao apoio financeiro da Desteque - Associação para o Desenvolvimento da Terra Quente, através do programa LEADER I.

Perante o olhar atento de cerca de duas dezenas de espectadores espalhados pelo auditório do Instituto Português da Juventude (IPJ), na Guarda, temos o filme “Margens”, de Pedro Sena Nunes, exibido durante a mostra de cinema “Olhares sobre o Mundo Rural”, que decorreu nos dias 28 e 29 de Setembro, numa organização da associação Aldeia e Cineclube da Guarda.

A mostra, que vai na segunda edição, pretende promover a reflexão acerca do mundo rural, e contemplou a exibição de sete obras cine-



Organização

Cineclube da Guarda

Com três anos e meio, o Cineclube da Guarda, “ainda está a dar os primeiros passos”, revela Pedro Lucas, presidente da Direcção. Projecto recente, com alguma escassez de recursos humanos, e limitações de âmbito material, o Cineclube da Guarda tem apoio do IPJ enquanto associação juvenil membro do Registo Nacional de Associações Juvenis (RNAJ), da Direcção Regional da Cultura do Centro e da Câmara Municipal da Guarda.

“Com muita vontade estamos a desenvolver projectos”, “tentando dar importância e, acima de tudo, dar oportunidade aos guardenses e às pessoas desta região o acesso a um cinema com letras maiúsculas”. Um cinema “cada vez mais difícil de encontrarmos nas salas do país”.

Ao nível da programação, “tentamos conciliar o clássico com o contemporâneo e dar bastante relevância ao cinema português, que é muito desconhecido em Portugal.” Em resumo, “o que nos interessa é dar diversidade e oportunidade às pessoas...”

www.cineclubedaguarda.com

Associação Aldeia

A Aldeia é uma “associação de desenvolvimento rural e conservação da natureza”, recorda Ricardo Brandão, que surge em 2004. Sediada em Vimioso, distrito de Bragança, tem o objectivo de “desenvolver actividades em áreas de baixa densidade populacional, alto interesse na conservação da natureza, e riqueza do património cultural”.

Passeios, cursos e exposições preenchem a diversificação de actividades. Observação de aves, cogumelos selvagens, répteis ou anfíbios, bem como flora, etnobotânica ou plantas medicinais, são alguns dos cursos que têm composto a oferta formativa da Aldeia. A área de trabalho da associação está principalmente relacionada com a natureza.

Posteriormente, a associação começou a enveredar por temáticas mais culturais, de que é exemplo o Festival “Sons e Ruralidades”, que vai na segunda edição, ou o “Olhares sobre o Mundo Rural”, organizado em parceria com o Cineclube da Guarda.

A associação encontra-se neste momento em transição de uma fase de projectos mais esporádicos para projectos mais duradouros. Um Centro de Educação, Interpretação e Formação Ambiental vai começar a ser dinamizado numa escola em Vila Chã da Ribeira, Vimioso, que estava abandonada e foi recuperada. Esta mudança “leva-nos a uma maior consistência de trabalhos na área de conservação da natureza, aumentando a equipa e o impacto local junto das populações ao nível da sensibilização e educação ambiental”.

www.aldeia.org

“a ruralidade tem de ser vivida,
conhecida e experimentada”

matográficas dos realizadores Pedro Sena Nunes, Nelson Fernandes e da Associação-ao-Norte. De acordo com Pedro Lucas, presidente da Direcção do Cineclub de Guarda, a ideia nasceu “principalmente do facto de estarmos numa cidade que vive muito do mundo rural” e resulta da experiência universitária partilhada por membros das duas associações – Aldeia e Cineclub de Guarda.

O projecto conjuga dois objectivos: “dar importância ao cinema como memória” e “retratarmos o mundo rural do passado e do presente, para mantermos a discussão e alertarmos as pessoas”. Para o Cineclub é também uma forma de estimular as pessoas à descoberta, de modo a tentarem registar a realidade da ruralidade.

No caso da associação Aldeia, público e objectivos são distintos. Ricardo Brandão, presidente da Direcção da Aldeia, revela que a participação conjunta nesta organização permite à Aldeia “angariar novos públicos”. “Ao diversificar os temas e a abordagem conseguimos juntar pessoas que, se seguíssemos uma linha mais especialista e mais uniforme, não conseguiríamos”. Segundo Ricardo Brandão, “o cinema permite ver uma ruralidade que já não existe, pensar sobre a ruralidade que temos, e propor que a realidade futura seja mais agradável e apelativa para os jovens que é difícil fixar no interior”.

Ainda de acordo com o presidente da associação Aldeia, “a ruralidade tem de ser vivida, conhecida e experimentada”, e só assim será possível convencer os jovens a optarem por percursos de vida que os levem ao mundo rural. Uma perspectiva partilhada por Pedro Lucas, para quem “é a nossa geração que tem a responsabilidade de fazer a mudança das mentalidades”. Segundo o responsável do Cineclub, as imagens divulgadas do mundo rural foram sempre pejorativas e as gerações anteriores encaravam a ruralidade “como que a querer esquecer-lá”. Na actualidade, “esta geração tem a responsabilidade de mudar”.

Esta mudança deve assentar em caminhos de intervenção que passam pela valorização das actividades tradicionais e genuínas de uma região, as chamadas “marcas de identidade.” Turismo e sensibilização para os problemas ambientais são as principais áreas de trabalho, “porque o futuro tem de ir por aí. Temos de saber quem somos e saber promover-nos a nós próprios”.

Para já, nesta segunda edição do “Olhares sobre o Mundo Rural”, as expectativas em termos de público não são elevadas porque há a consciência de ser complicado atrair um número elevado de espectadores. O objectivo é trazer público que “gosta desse tipo de filmes”, “sem termos preocupação com o número de pessoas”, e “tentando dar uma oportunidade às pessoas para verem aquilo que nós próprios vamos descobrindo sobre esta matéria”, num encontro regular anual.

No capítulo das obras, este ano, a principal mudança verifica-se por serem exibidos apenas filmes portugueses. No ano anterior “não tínhamos tanta noção de riqueza de temas e de material que havia”, revela Pedro Lucas, para explicar a aposta num programa que incluía filmes de outras origens. Com vista a um eventual alargamento do formato, pode-se “associar a este evento outras actividades como a música, ambiente ou gastronomia”.

Para Ricardo Brandão, a opção por uma cidade de maior dimensão “seria mais incoerente”, e não está nos objectivos da organização. Pelo contrário, “podemos pensar que no futuro o evento seja num meio ainda mais rural”, de forma a “permitir às pessoas viverem este festival numa aldeia, ou, pelo menos, ser essa uma ramificação do evento”.

João Limão

Microcosmos de Sena Nunes

Começou com “Margens”, em 1995, o objectivo de desenvolver o projecto que consiste em “identificar um microcosmos por cada província portuguesa”, num processo de realização cinematográfica, protagonizado pelo realizador Pedro Sena Nunes.

O autor reconhece o risco de desidentificação do público com as obras. “Não é um trabalho que registre o folclore, a gastronomia, os valores da região”. Formato de que o realizador pretende distanciar-se, para “criar um tecido visual que se complete ao fim de alguns anos”. Tornou-se uma espécie de fio condutor.

Em 1997 surge “Entraste no jogo tens de jogar assim na terra como no Céu”, seguindo-se “A morte do cinema”, que decorrem no Minho e Beira Litoral, respectivamente. O primeiro “é um confronto entre o pagão e a religiosidade, numa festa na Serra d’Arga”, enquanto o segundo está “centrado num único personagem, mecânico de automóveis, que tinha um cinema numa garagem e que teve de se desfazer, por várias razões, de tudo aquilo”. A história, que vem de longe, tem “todo um universo político por detrás, que me interessou bastante” além de se tratar de uma pessoa que “adaptou toda a sua formação de electricidade e mecânica automóvel para o cinema, e conseguiu reconstruir dois projectores e inventar um sistema com som óptico”.

Depois, surge “Da tela à pedra”, “dedicado à Beira Baixa, e que é a propósito das minas de volfrâmio e de todo o espaço abandonado”, seguindo-se mais tarde o “Elogio ao ½”, que resulta de uma encomenda de Faro – Capital Nacional da Cultura 2005, dedicado ao Algarve.

Segundo o realizador, actualmente “estamos na Beira Alta com “Há tourada na aldeia”, sobre as capeias raianas”, e, ao mesmo tempo, começam a desenvolver o projecto sobre o Alentejo, “perto de Portel, num trabalho sobre o vinho”. Depois de alguns anos em que o projecto “Microcosmos” esteve um bocado embrulhado entre outros projectos do autor, esta recente dinâmica revela um impulso grande “nos últimos anos”.

Ao Norte – Associação de Produção e Animação Audiovisual

Associação sem fins lucrativos que também funciona como Cineclub de Viana do Castelo, a Ao Norte foi fundada em 1994. Além de exposições regulares de cinema, organização de encontros e festivais, desenvolve actividades de formação na área do audiovisual e tem um pequeno núcleo de produção, com o “objectivo de criar uma memória audiovisual da região onde estamos inseridos”, revela Rui Ramos, director executivo da Ao Norte.

Neste sentido, a actividade da associação passa por “fazer um registo de situações, principalmente de cultura popular, que nesta altura de grandes mudanças, está a desaparecer”, numa perspectiva de documentarismo.

À “vontade de preservar esta nossa tradição” aliam-se projectos de produção de documentários “relacionados com o processo educativo” em Angola e Cabo Verde, num trabalho conjunto com o Gabinete de Estudos para o Desenvolvimento, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

No domínio da produção, a chamada Oficina de Imagem funciona desde 2001, e tem, até ao momento, três filmes produzidos. Em fase de produção encontram-se mais três. No desenvolvimento deste trabalho, a associação não tem realizadores predefinidos. O projecto “parte sempre de uma ideia colectiva”, acrescenta Rui Ramos. Para a concretização destes objectivos, a associação consegue angariar alguns apoios locais, “mas tudo isto se faz, essencialmente, com muita perseverança, trabalho, amor à camisola e voluntariado”.

O filme “Fole”, exibido durante os “Olhares sobre o Mundo Rural”, “nasce de duas vontades”. Do Museu do Traje de Viana do Castelo, “que tem vindo a desenvolver investigação molinológica”, e “da vontade da Ao Norte em preservar esta memória”. O filme “retrata e documenta o processo de fabrico de um saco feito a partir da pele de cabrito que era utilizado para levar o grão para o moinho e trazer a farinha”. Uma prática e utensílio quase desaparecida, cujo processo de fabrico fica registado a partir de uma família na freguesia de São Lourenço da Montaria que ainda conhecia o processo.

Música

Encontros de Música das Terras do Sousa

Em 2003, assumem-se como um desafio para o desenvolvimento cultural do território num diálogo entre a população rural e a música erudita. Dois anos mais tarde, ganham a Direcção Artística e uma área pedagógica, que deu origem ao “Ensemble das Terras de Sousa”. Em 2006, conquistam a autonomia, ao mesmo tempo que avançam para a criação de Master Classes. Passos lentos mas seguros, assentes com firmeza, degrau a degrau, garantem o crescimento sustentado dos “Encontros de Música das Terras de Sousa”.

No ano de 2003, fruto da vontade e do empenho da Ader-Sousa (associação de desenvolvimento local das Terras de Sousa) e das câmaras municipais associadas (Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel), e com o apoio da Iniciativa Comunitária LEADER+ / Terra de Sousa+, nasceram os “Encontros de Música das Terras de Sousa” (EMTS), assumindo-se como um desafio para o desenvolvimento cultural deste território.

Durante os três anos ligados ao Festival de Música Antiga da Casa de Mateus, os EMTS permitiram apresentar concertos nunca antes ouvidos na região, garantindo qualidade não só na escolha dos artistas mas também rigor na eleição e interpretação do repertório de cada concerto.

Em 2005, na IIIª edição dos EMTS, com o objectivo de profissionalizar esta iniciativa e comunicar uma identidade empática na comunidade, foi criada uma direcção artística e uma imagem de marca forte e representativa que tem acompanhado os Encontros de Música desde então. Realizou-se também um grande investimento na compra de material de forma a dignificar o evento e valorizar os espaços de concertos.

A inovação desta edição residiu na criação de uma área pedagógica dentro dos Encontros, para garantir a formação de um público jovem. Para dar suporte à componente pedagógica, e com o objectivo de garantir durabilidade e autonomia, apostou-se na criação do “Ensemble das Terras de Sousa”. Aquando do concerto de apresentação do Ensemble ao público da região, estreou também a nível mundial o “Prelúdio e Fuga” de Elgio Vila (compositor contemporâneo que escreveu esta obra, inspirado numa estrutura formal puramente barroca).

Este projecto nasceu com o objectivo principal de responder a uma necessidade cultural sentida na região, e com os objectivos secundários de dar suporte artístico aos EMTS, promover a sua autonomia, criar uma plataforma de divulgação dos valores musicais de qualidade na região, divulgar a região no âmbito cultural, assumir uma missão pedagógica, com a finalidade de criar público, formar o futuro público para a audição de música erudita e, no futuro, apoiar outros projectos educativos e culturais da região.

Encontros ganham asas

Em 2006, e pela primeira vez, os Encontros de Música desvincularam-se do Festival de Música da Região Norte, da Casa de Mateus, e voaram com as suas próprias asas. Nesta edição, e em consonância com o seu papel de associação para o desenvolvimento local, a Ader-Sousa reservou mais uma surpresa inovadora para todos os que acompanham os EMTS, as Master Classes. Este projecto nasceu no seio dos EMTS com o objectivo principal de dar apoio e promover a sua continuidade, já que nesta edição a área pedagógica foi fundamental e estruturante para a sua realização. Estas Master Classes foram ministradas pelos solistas convidados do Ensemble Solista de Berlim e eram dirigidas a alunos de violino, viola, violoncelo e clarinete das escolas da região. Assim, os jovens músicos exerceram prática orquestral no “Ensemble das Terras de Sousa” com professores e outros profissionais com experiência, possibilitando o seu crescimento individual, a troca de experiências com músicos internacionais de alto nível, a aprendizagem de uma melhor execução do instrumento e, consequente, valorização profissional.

A edição 2007, atendendo ao facto da região possuir uma identidade musical sedimentada numa tradição com grande expressão como as Bandas de Música, e das academias e conservatórios registarem um número elevado de alunos que estudam sopro em detrimento de cordas, a Ader-Sousa considerou pertinente convidar estas escolas a constituírem Vª edição do “Ensemble das Terras de Sousa”, com profissionais da região. Este Ensemble foi formado por um octeto de sopros, permitindo a valorização dos profissionais, aproximando o Ensemble da realidade da região, e tornando-se uma mais-valia para o Vale do Sousa, enquanto espaço cultural com capital próprio. Refira-se também que alguns grupos se constituíram para este evento.

Os Encontros de Música das Terras de Sousa são uma iniciativa pioneira na Península Ibérica, na medida em que promovem um diálogo entre a população rural e a música erudita. Esta relação é determinante para os palcos de actuação dos encontros que a Ader-Sousa definiu em parceria com as câmaras municipais das Terras do Sousa – os monumentos históricos da região que fazem parte da Rota do Românico do Vale do Sousa, igrejas e casa de turismo em espaço rural. Na escolha destes locais a Ader-Sousa tem tido a preocupação de seleccionar os espaços físicos com condições de conforto, dimensão, visibilidade e acústica, ou seja, devidamente adequados ao tipo de espectáculos em causa.

Paralelamente, o projecto tem conseguido despertar o interesse da população local para a participação noutras formas de cultura, assim como tem contribuído para a divulgação do território, distinguindo-se pela sua autenticidade e qualidade turística. Hoje é um dos pontos culturais de visita obrigatória. Finalmente, é revelador de uma tradição regional de “Música Antiga” que carecia de ser reavivada.

Ader-Sousa





Castelo Rodrigo / Raia Histórica

Território talhado na rocha e abundante de recursos hídricos. Repleto de história, património edificado e riqueza paisagística. Não faltam recursos endógenos na Raia Histórica, e as novas acessibilidades deixam-na mais perto dos principais eixos socioeconómicos. O turismo está, cada vez mais, no horizonte de desenvolvimento.

Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Mêda, Pinhel e Trancoso. Cinco concelhos que constituem o território “Raia Histórica”, zona de intervenção da Raia Histórica - Associação de Desenvolvimento do Nordeste da Beira. Uma superfície de 2.166 km², integrada na NUT III – Beira Interior Norte, Região Centro, que se divide por 118 freguesias com uma população total de 43.531 habitantes. Valor que corresponde a uma densidade populacional de 20 habitantes por quilómetro quadrado.

Números que, segundo José António de Sales Gomes, coordenador do Grupo de Acção Local (GAL) da Raia Histórica, revelam que no território “debate-mo-nos com problemas de desertificação”, resultado de fenómenos como a emigração e envelhecimento, que têm contribuído para a acentuada diminuição populacional. Segundo José António de Sales Gomes, o território “necessitava de mais dinheiro e mais incentivos”.

Caracteristicamente raiano, a zona de intervenção beneficia da proximidade a acessibilidades razoáveis como o IP2 e IP5, além da linha ferroviária da Beira Alta, que representam um acréscimo de mobilidade em relação aos principais eixos socioeconómicos do país.

Ao nível do ambiente, trata-se de uma zona de grande riqueza paisagística e qualidade ambiental. Paisagens como as amendoeiras em flor e Serra da Marofa (Figueira de Castelo Rodrigo), Serra de S. Pedro, lugar de Grande Luta, e Monte do Cabeço (Pinhel), miradouro do Castelo e de Santa Bárbara, Penedos da Pena, Penedo da Vila, Penedo Gordo e do Alto da Broca (Trancoso).

A região é também abundante de recursos hídricos. As barragens de Vascoveiro e de Bouça Nova (concelho de Pinhel), da Teja (Trancoso), de Ranhados (Mêda), de Santa Maria de Aguiar e da Vermiosa (Figueira de Castelo Rodrigo), além dos grandes açudes do Rio Côa (concelho de Almeida), são exemplos do potencial hídrico do território.

Ao nível da economia, regista-se a predominância do sector primário, que, de acordo com os Censos de 1991, do Instituto Nacional de Estatística (INE), representa 40 por cento da população activa, cuja ocupação se desenvolve nas áreas de agricultura, pecuária e silvicultura. Ao longo das últimas décadas tem-se verificado um decréscimo do número de activos agrícolas, sinónimo de reconversão sectorial de mão-de-obra, ao mesmo tempo que se verifica uma redução do número de explorações. Produtos como o azeite, centeio, milho, aveia, trigo, batata, feijão, amêndoa, maçã e castanha Denominação de Origem Protegida: Souto da Lapa), contam-se entre os principais deste sector. Além disso, o território detém 50 por cento da zona vitivinícola da Beira Interior, contemplando vinhos de qualidade produzidos em região demarcada (VQPRD) de Pinhel e Castelo Rodrigo, e também do Douro (Mêda). O sector do vinho é aposta estratégica. A ovelha mondegueira e cabra serrana são exemplos de raças autóctones, de actividade rentável, ao nível da produção pecuária.

O sector secundário tem reduzida expressão na região, em virtude da fraca presença de tecido industrial, correspondendo a apenas 19 por cento da população activa. Entre os poucos exemplos nesta área, destacam-se a construção civil, transformação de produtos agrícolas e algumas pedreiras, além de actividades tradicionais.

Por fim, o sector de serviços está em desenvolvimento, principalmente a partir da década de 80. No entanto, resulta essencialmente da instalação de serviços públicos e sociais, revelando-se insípida a iniciativa privada. Ainda de acordo com os Censos de 1991, o terciário já atinge 41 por cento. No entanto, a mudança da população do sector primário para o terciário ocorre quase exclusivamente nos centros de maior dimensão, continuando as aldeias essencialmente rurais e dependentes da agricultura.

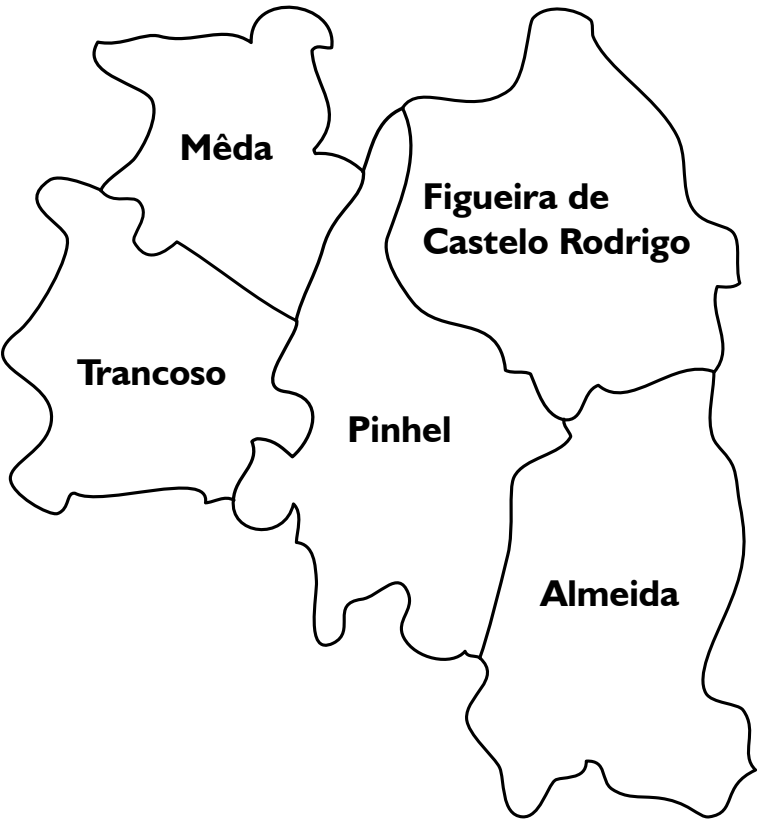
José António de Sales Gomes acredita que existe um “novo caminho de desenvolvimento na área do turismo”, em direcção ao qual se projecta

o futuro, e que assenta na beleza paisagística, qualidade ambiental e riqueza patrimonial. O território detém parte do Parque Natural do Douro Internacional (PNDI) e faz fronteira com o Parque Natural da Serra da Estrela e a Reserva Natural da Serra da Malcata. Em termos de fauna, o PNDI constitui a área mais importante do país, e das principais da Europa, para as denominadas aves rupícolas (nidificam em rochas), sendo de destacar a Cegonha-preta, Abutre do Egipto, Grifo, Águia-real, Águia de Bonelli, Falcão peregrino, Gralha de bico-vermelho e Chasco-preto. Do ponto de vista da presença de aves aquáticas, a albufeira da Barragem de Santa Maria de Aguiar, na parte Sul do PNDI, é a área aquática mais importante de todo o interior Norte e Centro. No capítulo da flora, entre as comunidades florestais mais representativas salientam-se o carvalho negral, carvalho, azinheira, zimbro e sobreiro. Nas margens dos rios e ribeiros pontificam comunidades de amieiros, salgueiros, freixos e lódãos, bem como matos pré-florestais, de que são exemplo as comunidades arbustivas de giestais e arçãs, além de estevais e comunidades pontuais de piorneiras e urzais.

11 fortalezas na região

A riqueza patrimonial do território também é abundante e encontra-se patente nas quatro localidades classificadas no Programa das Aldeias Históricas de Portugal: Almeida e Castelo Mendo (Almeida), Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo) e Marialva (Mêda), bem como nas 11 fortalezas presentes na região, além dos inúmeros monumentos classificados como Monumentos Nacionais e Imóveis de Interesse Público. Múltiplos exemplos estão patentes, como a Torre de Almofala, pelourinho manuelino e Igreja e Convento de Santa Maria de Aguiar, ponte sobre a Ribeira de Aguiar, Igreja Matriz de Nossa Senhora de Alagoa e Fonte do Cabeço, (Figueira de Castelo Rodrigo), também o Castelo de Longroiva, Castelo de Marialva, pelourinhos de Ranhados, Mêda e Aveloso, pelourinho e Ponte Romana em Longroiva, e pelourinho de Marialva (Mêda). No concelho de Pinhel encontramos o pelourinho, muralhas e castelo de Pinhel, pelourinhos do Lamegal e Alverca da Beira, Lagar das Freixedas, Igreja da Misericórdia e antigos Paços do Concelho de Pinhel; Convento dos Frades ou de Santo António, Solar dos Napolos e Solar dos Távoras em Souropires. A capela de São João Baptista, vestígios de antiga fortaleza ou castro lusitano do neolítico e um pequeno conjunto de solares e casas de arquitectura erudita na Cogula, Igreja de Santa Marinha, pelourinho manuelino e castelo em Moreira de Rei, pelourinho, castelo e muralhas de Trancoso (Trancoso). Por fim, as muralhas de Almeida, muralhas de Castelo Mendo, Igreja matriz, Solares dos séculos XVIII e XIX e restos de muralha em Castelo Bom, Ermida de Santa Marinha em Porto de Ovelha (Almeida). Ao nível da oferta para segmentos turísticos mais específicos, existem oportunidades ao nível do termalismo, que se podem encontrar nas Termas de Longroiva (Mêda) e Fonte Santa de Almeida. Outras potencialidades do território podem-se descortinar no património etnográfico, diversidade e riqueza do artesanato local e da gastronomia, que são também pontos fortes da região. Áreas como a cantaria, olaria, latoaria, tecelagem, alfaiataria, ferragens, trabalhos em vime e em ma-

Zona de Intervenção LEADER+



deira, miniaturas em madeira, bordados e rendas, são reveladores das artes de bem-fazer. No domínio da gastronomia a oferta é também rica e variada. Pratos típicos como o coelho à caçador, cabrito e borrego assados, burzigada, açorda de alho, salada de meruges, caldo de couves, sopa de “carrapatos”, caldo de feijões com hortaliça, caldo de cebola, papas laberças, migas ripadas, salada de batatas com azedas, sopa de beldroegas, sopa de fiolho, grelos à pobre, caldeirada de cabrito, ensopado de miscalos, bacalhau à S. Marcos, podem ser sempre bem acompanhados pela broa de milho e pão de centeio, e complementados pela qualidade do queijo (sete freguesias do concelho de Trancoso pertencem à Região Demarcada de Queijo da Serra da Estrela), requeijão, torresmos, fumeiro e enchidos (chouriças de sangue, chouriços, farinheiras, moiros de sangue, morcelas). Não faltam os vinhos de Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo e Mêda para bem regar as refeições, nem tão pouco a doçaria tradicional, que não é menos rica, e está patente em exemplos como os esquecidos, filhós, rabanadas, abóbora com leite, arroz doce, papas de milho, biscoitos de escalhão, pão-de-ló, bolo de castanha, castanhas doces, pão de castanha, rosetas, queques de requeijão, sardinhas doces e rebuçados tradicionais.

João Limão



Raia Histórica

Associação de Desenvolvimento do Nordeste da Beira



A Raia Histórica - Associação de Desenvolvimento do Nordeste da Beira nasce em 1996 quando surge uma oportunidade, chamada LEADER II, de fornecer um princípio de resposta a necessidades locais prementes, tais como: o desemprego, a imigração e o envelhecimento da população. O seu principal objectivo é “contribuir

para a promoção do desenvolvimento rural a nível local, tendente à melhoria das condições sociais, culturais e económicas das populações. Reforçar e modernizar o quadro institucional local de apoio ao desenvolvimento, estimular o aparecimento de atitudes colectivas de renovação social e cultural e preservar e consolidar características do espaço rural, sejam elas humanas ou arquitectónicas”. Sem desenvolvimento, não poderão estar reunidas condições de vida mínimas para fixar as populações num território votado ao abandono. À falta de incentivos, a Raia Histórica responde com a criação de 170 postos de trabalho. É pouco em termos absolutos, resume-se a 30 unidades por cada um dos cinco concelhos da Zona de Intervenção. Em termos relativos, a relação investimento/resultado, é um sucesso. Não chega. Segundo o coordenador do GALE, José António de Sales Gomes, “o território necessitava de mais dinheiro, mais incentivos para que se conseguissem fixar as pessoas”.

Qual tem sido o papel da associação? “Apostámos muito na transformação de produtos locais, na promoção do território e do seu património, na criação de postos de trabalho para o sector do turismo, na animação do território.” Desde o LEADER II, a estratégia mantém-se e quer-se mesmo reforçada. “Hoje, as câmaras municipais têm uma sensibilidade para a potencialidade do turismo, que não tinham há uns anos.” Este aumento de sensibilidade deve-se fundamentalmente à acção da associação, que mantém uma óptima relação com as câmaras e soube conquistar o reconhecimento a nível do território. Em Fevereiro do ano passado, a Raia Histórica assinou um protocolo com a Caixa Geral de Depósitos (CGD) para entrada em vigor no próximo Quadro Comunitário de Apoio (QCA). Na linha do micro-crédito, o objectivo é permitir que promotores com poucos recursos tenham acesso ao crédito bonificado com juros na ordem dos seis por cento, e,

a partir daí, a uma oportunidade de criar o seu próprio negócio. Esta medida irá ao encontro de necessidades de apoio à iniciativa jovem. Esta é uma preocupação muito concreta da associação que assiste ano após ano à sangria da população do território. Os jovens, considerados o “motor da dinamização económica”, são um público-alvo objectivo e a sua fixação uma prioridade.

Inquirido sobre os insucessos da associação, o coordenador nomeou o alojamento turístico (de qualidade). “Foi uma aposta que correu mal no LEADER II. Melhorou no LEADER+, mas não o suficiente para colmatar as necessidades.” Quanto às vitórias, destacam-se, entre outras, as feiras de produtos locais e artesanato, inexistentes antes do LEADER. Outro exemplo, é a Feira de São Bartolomeu, uma feira tradicional de três dias que deu um salto qualitativo e aumentou para 12 dias. “É o grande evento de toda a região da Raia Histórica e não só.”

Olhando para o currículo da Raia Histórica destacam-se as cerca de 200 candidaturas ao programa LEADER+ e a execução na ordem dos 97 por cento. Em termos de programas de financiamento a associação não se limita ao LEADER, mas “vai” a todos os que possam servir o desenvolvimento da região, nomeadamente, entre os dois últimos QCA trabalhou com: os Centros Rurais; as Escolas-Oficinas; as Aldeias Históricas de Portugal (Animação); a Formação Profissional (AIBT – Côa); o INTERREG III A; o PITER; a EQUAL. Reflectindo sobre a multiplicidade e diversidade de programas, José António de Sales Gomes afirma que, “embora o LEADER não tenha muito dinheiro, é fundamental, porque dá estabilidade de funcionamento, e quem beneficia, é o território”. De olhos postos em novos horizontes e num futuro mais sustentável para a associação, a Raia Histórica criou a Raia Viva, uma cooperativa de animação turística, que vem precisamente preencher uma lacuna no território. “Pretendíamos que a Raia Viva fosse um animador promocional, um operador turístico, uma agência de viagens. Não há ninguém que faça isso.”

Raia Histórica
Rua Conde de Tavares, 4A
6420-137 Trancoso
Telefone: 271 829 040 / Fax: 271 829 047
E-mail: raia.historica@mail.telepac.pt
Internet: <http://www.raiahistorica.org>

Órgãos sociais

Assembleia-Geral: Associação Comercial e Industrial dos Concelhos de Trancoso, Aguiar da Beira e Mêda (António Manuel Santiago Oliveira da Silva), Cooperativa de Agricultores do Concelho de Almeida “Fortaleza” (José Ruivo), Associação Cultural e Recreativa de Trancoso (João José Martins Campos de Carvalho) | **Conselho de Administração:** Júlio José Saraiva Sarmento, CM de Mêda (João Germano Mourato Leal Pinto), CM de Figueira de Castelo Rodrigo (António Edmundo Freire Ribeiro), CM de Almeida (António Batista Ribeiro), CM de Pinhel (António Luís Monteiro Ruas) | **Conselho Fiscal:** José António de Sales Gomes, Figueira, Cultura e Tempos Livres (Arelindo Farinha), Nova Mêda (Aurêlio Teixeira Fonseca Saldanha)

Unidade de Gestão

Presidente Município de Almeida | Vogais Covilhã, Clube Desportivo Estrelas de Pinhel, Adega Cooperativa de Mêda, Figueira SOS Associação de Solidariedade Social, AENEBeira, Escola EB 2 e 3 de Trancoso, Escola Profissional de Trancoso

Associados

Júlio José Saraiva Sarmento; José da Costa Reis; António Miranda Cavalheiro; João Germano Mourato Leal Pinto; José António de Sales Gomes; António Oliveira; CM de Trancoso; CM de Mêda; CM de Almeida; CM de Figueira de Castelo Rodrigo; CM de Pinhel; Associação de Municípios Castelos da Raia; Covilhã - Associação de Produtores de Pequenos Ruminantes da Bacia Hidrográfica do Côa; Associação de Agricultores do Concelho de Almeida “Fortaleza”; Associação de Melhoramentos da Mêda; Bandarra, Cooperativa Agrícola; Centro de Acolhimento e Integração Social de Vilar Formoso; ACITAM - Associação Comercial dos Concelhos de Trancoso, Aguiar da Beira e Mêda; Adega Cooperativa de Mêda; Casa do Povo de Pinhel; Clube Estrelas de Pinhel; Figueira, Cultura e Tempos Livres E.M.; Nova Mêda E.M.

PDL LEADER+ Melhoria da qualidade de vida nas zonas rurais

Porque é que o tema federador do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) LEADER+ da Raia Histórica é a Melhoria da Qualidade de Vida nas Zonas Rurais, quando a qualidade de vida existe, seja pela beleza das paisagens, a pureza do ambiente, a riqueza histórica e patrimonial ou ainda a variedade de acessos. Há que melhorá-la, para garantir a fixação da população, sobretudo, a jovem, através de uma correcta dinamização socioeconómica do território.

Numa zona com uma densidade populacional de 20 habitantes por quilómetro quadrado, importa reforçar as potencialidades endógenas e apostar na aquisição de competências que poderão tornar-se fontes de crescimento no médio-longo prazo. Existe também todo um campo de acção “imaterial” que convém explorar sob pena de descorar os laços de uma teia social sem a qual não é possível construir um futuro sustentável em comum. Concretamente, o PDL contempla dentro da sua estratégia o investimento em infra-estruturas colectivas de âmbito social; o apoio a pequenas iniciativas empresariais/artesanato; a criação de produtos turísticos; a criação de infra-estruturas de apoio ao

turismo; a sinalização turística do território e a animação cultural, desportiva e ambiental do território. No plano das acções imateriais, contam-se a formação profissional; a dinamização das Casas da Juventude; a concepção e execução de material de promoção e divulgação; a participação em feiras e certames e a sensibilização. De acordo com dados da Raia Histórica, entre 27 de Agosto de 2001 e 29 de Agosto de 2007, o investimento total aprovado para o Vector 1 era de 6.900.076,34 Euros, correspondente a 102 projectos na Medida 1 (Investimentos) no valor de 3.900.002,69 Euros; 101 projectos na Medida 2 (Acções Imateriais) no valor de 2.294.491,89 Euros, aos quais se acrescentam 705.581,76 Euros da Medida 4 (Despesas de funcionamento do GAL). Para o Vector 2, entre 30 de Julho de 2003 e 29 de Agosto de 2007, o investimento total aprovado é de 287.861,33 Euros, distribuídos como segue: a Medida 1 (Cooperação Interterritorial) soma 145.368,97 Euros; a Medida 2 (Cooperação Transnacional) 89.830,76 Euros e a Medida 3 (Assistência Técnica) 52.661,60 Euros.

Textos de **Maria do Rosário Aranha**

Equipa Técnica do GAL



José António de Sales Gomes
Coordenador

Engenheiro Técnico Agrário, José António de Sales Gomes é natural de Pinhel e tem 57 anos. Solicitado na fase de pré-candidatura ao Programa LEADER II, este técnico de extensão rural do

Ministério da Agricultura, pioneiro da formação profissional para o desenvolvimento, pede, em 1995, uma licença de longa duração, entretanto sem vencimento, para assumir a coordenação da associação. Fruto da dinâmica e implantação no território, motivo de “orgulho” para o coordenador, a Raia Histórica pode, hoje, contar com o apoio financeiro e logístico das cinco autarquias, “entrar no próximo QCA tranquila”, e responder às expectativas da população de mais desenvolvimento para o território. “O que me leva a ter fé, é gostar da minha região e por isso continuo a apostar no futuro. Espero que a vontade dos políticos mude um pouco para que esta gente da Beira possa voltar a sorrir e ter esperança que os filhos tenham trabalho, ciência, ensino e saúde.” Apesar de acreditar no futuro do desenvolvimento local, José António de Sales Gomes lamenta que a entrega profissional e pessoal dos agentes do desenvolvimento local não seja justamente reconhecida e valorizada pelos decisores da administração central do País.



Alexandre Ferraz
Técnico

Alexandre Ferraz é um jovem de 29 anos, natural de Pombal. Com a Licenciatura em Turismo e Ambiente, do Instituto

Politécnico de Leiria, entra para a Raia Histórica, em 2004. “Enviei montanhas de currículos para todo o lado. Chamaram-me, porque estavam a precisar de alguém na área do turismo, para desenvolver um projecto de cooperativa de animação turística. Mudei-me de armas e bagagens.” Hoje é o técnico que acompanha e executa os projectos do Vector 1 e 2, promovidos pela própria associação. Alexandre Ferraz sente-se “privilegiado” não só porque tem a possibilidade de contactar muitas pessoas, do interior e de outros países, como também trabalha o desenvolvimento. “O desenvolvimento está no caminho, é um processo que se faz no dia-a-dia com os resistentes.” Segundo ele, “a Raia Histórica faz o que pode com os meios que tem”. No futuro, confessa que “gostava de enveredar pela via privada, desenvolver um negócio próprio, relacionado com o desenvolvimento local. O tema da qualidade de vida interessa-me. Faz sentido para mim, também em termos profissionais”.



Carla Maria Ribeiro Santos
Técnica

Carla Maria Ribeiro Santos tem 33 anos e é natural do Estoril. Após a Licenciatura em História e o estágio de um ano como

professora em Lisboa, foi colocada em Trancoso. Calhava bem, pois os pais dela são de uma aldeia do Concelho. Entretanto casa e, em 1998, apesar do gosto pelo ensino, decide virar as costas à instabilidade geográfica deste sector e entra para a Raia Histórica. Na associação trabalha com o WinLeader, recebe pedidos de pagamento, como executa outras tarefas de secretaria ou ainda integra a *task force* da associação em período de candidaturas. Antes do LEADER, era técnica do Programa das Aldeias Históricas. Quanto ao futuro, coloca uma certa fé no projecto da Raia Viva, sem descorar completamente a sua área de formação.



Paulina Costa
Técnica

Paulina Costa tem 36 anos e é natural da Guarda. Licenciada em Engenharia Mecânica (Ramo de Energia e Ambiente),

do Politécnico da Guarda conta que o seu percurso profissional arrancou muito concretamente na Raia Histórica. Da casa, há dez anos, confessa-se satisfeita, também porque está “agarrada às raízes, à terra, às pessoas”. Já esteve ligada aos Centros Rurais, agora está com a contabilidade diária, a facturação, os pagamentos. “Nesta parte não lidamos tanto com as pessoas. Mas também é indispensável.”



Sara Silva
Técnica

Sara Silva é natural de Trancoso. Tem 26 anos e é licenciada em Gestão pelo Politécnico de Viseu. O curso acabado,

faz uma formação de jovens técnicos para empresas, estagiou na Cooperativa Agrícola e na ANTRAM (Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias). Na Raia Histórica, desde 2005, faz a contabilidade, a parte financeira do LEADER, analisa os documentos para pedido de pagamento e valida as despesas dos promotores. Sara Silva sente-se satisfeita e gosta do seu trabalho, já para não falar da sua terra. “Nasci e fui criada aqui. A vida é melhor do que noutro lado.”

Um fim-de-semana na **Raia Histórica**

No trilho da história

Viajar na Raia Histórica é atravessar a história de Portugal. História construída pedra a pedra nas cinco Aldeias Históricas (Almeida, Castelo Mendo, Castelo Rodrigo, Marialva e Trancoso) e nos 11 castelos que encontramos na região, além de um vasto património de carácter religioso.

Para iniciar esta viagem no tempo, partimos do Centro Histórico de Trancoso - Aldeia Histórica de Portugal. Por entre as muralhas da época dinisiana, povoado de traçado medieval, a visita pode começar pelo castelo, também medieval, que coroa o conjunto fortificado. Primeiro encontro com as pedras, que marcam todo o percurso na região. Ainda no perímetro muralhado, de costas para o castelo, em direcção ao centro, seguem-se quase em linha recta, a Igreja de São Pedro, o Pelourinho Manuelino e a Igreja da Misericórdia. A primeira, encerra uma particularidade, o túmulo de Gonçalo Anes, mais conhecido por “Bandarra”, sapateiro-poeta-profeta em tempos de exaltação sebastianista, famoso pelas suas profecias sobre o Quinto Império e a elevação de D.João IV. Ao recuperar a Rua dos Cavaleiros, encontrará a Igreja de Santa Maria, onde poderá a decoração do tecto artesoadado, de Isidoro Faria. Também por Trancoso, entre o emaranhado de ruelas da vila, não passe sem descobrir a Casa dos Arcos, do século XVI, e a antiga Judiaria. Transposta a cintura de muralhas da vila, pelas Portas d’El Rei, o mapa indica-nos a rota de Pinhel. Nesta Cidade Episcopal desde 1770, aproveite para visitar a Igreja da Misericórdia, de arquitectura manuelina e com uma fachada setecentista, bem como a contígua Igreja de S. Luís, com portal e nave seiscentistas. No centro da Praça Sacadura Cabral, encontra o Pelourinho de “Gaiolas e Colunelos”, um dos mais interessantes da região, símbolo da autonomia judicial do concelho. Ainda em Pinhel, atente ao castelo. Da muralha que envolvia a colina e o centro histórico, reforçada originalmente por seis torres de planta quadrada, das quais subsistem duas. Na Cidadela erguem-se as torres ameaçadas, encontrando-se a Leste a Torre de Menagem, a mais elevada, obra de D. Dinis, reformada por D. Manuel, onde pontificam os gárgulas salientes e a janela manuelina. Se tiver tempo, não deixe de cruzar as proximidades da Escola Secundária de Pinhel para encontrar o “Monumento ao Bombeiro”, resultado de um projecto de alunos desta escola em colaboração com o município. Já fora do perímetro urbano, arrisque uma curta viagem a Cidadelhe para apreciar a Capela de S. Sebastião e o Cruzeiro, mas, sobretudo, para visitar as pinturas rupestres do núcleo da Faia, visíveis ao ar livre e atribuíveis ao paleolítico e neolítico. De fortaleza em fortaleza, seguimos até ao perímetro fortificado de Almeida, uma verdadeira jóia da arquitectura militar do País, e a segunda Aldeia Histórica a visitar. A praça-forte apresenta planta de formato estrelado irregular, com seis baluartes intercalados por seis cortinas com revelins, sendo acessível por duas portas duplas acedidas por pontes de alvenaria. Só o perímetro muralhado de características medievais justifica a vista. No entanto, pode aproveitar para visitar o picadeiro recuperado ou o Museu Histórico-Militar, sem deixar de reparar no cruzeiro e pelourinho.

Daqui até Castelo Mendo é um pulo. É outra das Aldeias Históricas do território. Trata-se de uma vila medieval bem preservada, que conserva as casas simples em pedra e as ruas estreitas. Não fosse a fortificação erguida num cabeço rochoso e seria difícil adivinhar tratar-se de um bastião de guerra. Ainda no concelho de Almeida, faça outro desvio em direcção a Castelo Bom. Foi praça de armas e fazia parte da rede de castelos da Raia. Embora reste pouco da anterior grandeza, deite um olhar mais atento ao Castelo, Igreja Matriz e antigos Paços do Concelho. O tempo urge, está na hora de seguir para o concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Na viagem depara-se com alguns dos melhores exemplos de beleza paisagística da região: a Serra da Marofa e, se a época for adequada, a partir de meados de Fevereiro, a paisagem das amendoeiras em flor. Aqui encontramos a quarta das Aldeias Históricas do território, Castelo Rodrigo, cuja monumentalidade está presente em toda a vila. Atenção ao pelourinho, palácio, igreja e Convento de Sta. Maria de Aguiar. Ainda em Castelo Rodrigo, não perca a oportunidade de almoçar no Cantinho dos Avós, e provar as especialidades regionais. Com sorte, se o tempo estiver de feição, arrisque a esplanada com vista para a Marofa, senão conserve-se junto da lareira. Sem sair do concelho, ainda em ritmo de passeio, aproveite para fazer um desvio para a Torre de Almofala. De pé leve, entramos no último concelho: Mêda. Numa passagem pela cidade, pode perder-se pelas ruas do núcleo histórico. Visite o castelo sem deixar de reparar no Pelourinho. Fora da zona urbana, passe pela ponte romana sobre a ribeira de Piscos, e rume a Longroiva para conhecer o castelo, situado no ponto mais alto do antigo castro de Longobriga, do qual ainda se conserva parte da cerca. Conheça também a Igreja Matriz de Santa Maria, com pintura em talha barroca, e a Capela da Sra. Do Torrão. Passe pelo Balneário Termal (águas sulfurosas), edifício do séc. XVII, e entre. Por fim, rumamos a Marialva, “‘a jóia da coroa’ do município medense”. A última das Aldeias Históricas do território. No perímetro muralhado, situado a meia-encosta, pontificam a torre de menagem do castelo, junto ao qual se encontram vestígios da antiga alcáçova, do tribunal e da cadeia, com o pelourinho e o poço da cisterna defronte, e a Igreja Matriz de S. Pedro a Sul. Contudo, não perca a oportunidade de apreciar todo o conjunto urbano medieval, com casas e ruas restauradas. Terminado o périplo castrense, sem dúvida que sentirá que percorreu uma boa parte da nossa história raiana, atravessando alguns dos cenários onde a história deflagrou. Uma viagem pelos monumentos da história, bem complementada pela riqueza paisagística, gastronómica e cultural da região. No fundo, pretextos de peso para rumar à Raia.

João Limão



para dormir

- Casa da Cisterna**
Rua da Cadeia 7 – Castelo Rodrigo
Tel: 271 313 515 | 917 618 122
casadacisterna@casadacisterna.com
<http://www.wonderfulland.com/cisterna/>
- Casas do Côro**
Marialvamed - Turismo Histórico e Lazer, Lda
Marialva – Mêda
Tel: 917 552 020
casa-do-coro@assec.pt
<http://www.assec.pt/casa-do-coro/>
- Pousada de Almeida** - Nossa Senhora da Neves
Tel: 271 574 283
pousadadealmeida@mail.telepac.pt
- Hotel Turismo Trancoso**
Tel: 271 829 200
<http://www.hotel-trancoso.com/>

para comer

- Cantinho dos Avós**
Rua da Sinagoga – Castelo Rodrigo
Tel: 271 312 643
- Área Benta**
Rua dos Cavaleiros, 30 A – Trancoso
Tel: 271 817 180
areabenta@mail.pt
www.areabenta.pt
- Sete e Meio**
Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral – Mêda
Tel: 279 883 272
restaurante@seteemeio.com
www.seteemeio.com

para visitar

- As cinco Aldeias Históricas: Almeida, Castelo Mendo, Castelo Rodrigo, Marialva, Trancoso
- Torre de Menagem de Pinhel, Igreja e pinturas rupestres de Cidadelhe (Pinhel)
- Cais de Barca d’Alva, Barragem do Vascoveiro, Teja e Bouça Cova, para Desportos Náuticos (Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel, Trancoso e Mêda)
- Parque Natural do Douro Internacional, Arribas do Douro, Albufeira de Santa Maria de Aguiar (Figueira de Castelo Rodrigo)
- Termas de Longroiva (Mêda), Termas da Fonte Santa (Almeida)

para levar

- Artesanato e produtos locais (Loja do Castelo)
- Produtos locais (Lojinha do Magriço, Rua dos Cavaleiros, Trancoso)
- Mel do Abel (José Fernandes 917845009)
- Azeite de Pinhel (Carlos Videira 271 413 231)
- Sardinhas doces, compotas e enchidos (www.casadaprisca.com)
- Salchichas de Trancoso, enchidos (Talhos Rodrigues 271 811 318)
- Queijo de ovelha e requeijão (Lacticôa 271 888 007)
- Vinhos (Adega cooperativa de Mêda, Adega cooperativa de Pinhel, Adega cooperativa de Figueira de Castelo Rodrigo, Cooperativa Agrícola Beira Serra)

Arte de representar mobiliza

O projecto “O Animador” resulta da fragilidade evidente do universo de criadores de teatro na região, e ainda da inexistência de grupos de teatro amador na maioria dos concelhos associados da ADAE - Associação de Desenvolvimento da Alta Estremadura. Está associação, considerando que as pessoas são os elementos fundamentais para a partilha de recursos e o desenvolvimento de competências da sociedade, tem centrado especial atenção na prática de acções colectivas, que promovam o desenvolvimento de um conjunto de conceitos: solidariedade, manutenção das comunidades vivas, relações interpessoais, motivação, colectivismo, produtividade, preservação de património cultural e etnográfico, entre outros.

Um exemplo da aplicação prática desta filosofia de acção é “O Animador”, do qual a ADAE é entidade promotora, e que segue os seguintes preceitos: a resposta a uma necessidade do meio; o estabelecimento/estreitamento de parcerias/envolvimento colectivo e institucional; a reflexão; a motivação da sociedade/população; e a preservação/revitalização de lendas, conceitos, histórias locais.

Resultante da parceria estabelecida entre a ADAE, “O Nariz” - Teatro de Grupo e as câmaras municipais da Batalha, Leiria, Marinha Grande, Ourém e Porto de Mós, as populações locais, interessadas neste projecto, inscreveram-se para integrar os grupos que foram criados em cada concelho. O projecto que contou com o apoio do Programa LEADER+/ADAE e teve por base um regulamento divulgado no site da ADAE e na comunicação social, consistiu na implementação de um conjunto de acções de animação e revitalização dirigidas especificamente a actores amadores dispersos pela região, articulados num ciclo de três módulos indissociáveis, desenvolvidos em cada concelho, com os grupos de teatro de amadores já existentes ou contribuindo para a sua formação.

Os destinatários podiam ser elementos de um grupo de teatro de amadores (grupo base) já constituído ou em constituição, bem como pessoas interessadas de outras proveniências (população em geral, sem qualquer exigência de base).

Em cada concelho foi constituído um grupo de pessoas que, regularmente, contou com a presença de um animador, que lhes transmitiu um conjunto de regras básicas de teatro, de forma a permitir a apreensão de conhecimentos, técnicas e conceitos teatrais que foram pondo em prática, culminando com a encenação de uma peça final. Em cada concelho, todo o trabalho foi fruto do poder de criação dos participantes, desde a encenação à construção dos cenários e confecção dos figurinos.

Pretendeu-se com o projecto: criar razões para o desenvolvimento/surgimento de grupos de teatro de amadores nos concelhos; dinamizar os participantes dos grupos existentes nos concelhos, dando-lhes novos instrumentos teóricos e práticos de trabalho, para que renovem as suas práticas e encontrem novas dinâmicas internas; promover a qualidade do trabalho dos grupos de amadores, alargando conhecimentos e aperfeiçoando práticas; valorizar o património ficcional local (eventos factuais, lendas, histórias ou ditos); e valorizar o teatro como instrumento de comunicação privilegiado com a finalidade de divertir, comunicar, sensibilizar e formar.

O projecto teve um impacto muito positivo nas comunidades locais, tendo-se dado continuidade ao projecto com a itinerância das peças de teatro pelos cinco concelhos.

“O Animador” deu origem à criação de grupos de teatro amador nos concelhos de Marinha Grande, Batalha e Porto de Mós (os dois últimos nem sequer tinham grupos de teatro amador). Apesar de Ourém não ter constituído um novo grupo de teatro, o objectivo foi, neste caso específico, proporcionar conhecimentos e conceitos técnicos a dois terços dos elementos de cada grupo amador já existente no concelho.

Hoje em dia, todos os grupos continuam a itinerância das peças de teatro pelos diversos concelhos, podendo-se afirmar que a arte de representar mobilizou e continua a mobilizar as comunidades do mundo rural da Alta Estremadura, já que neste projecto de representação participaram “actores” dos 8 aos 60 anos.

Alcina Costa
ADAE

“Efectivamente, as artes e as tecnologias de informação colocadas ao serviço do desenvolvimento rural são um importante factor de desenvolvimento e, neste caso, um motor de interacção entre os mais jovens e os mais idosos.”

Registos do mundo rural



O projecto “Actualidades do campo”, apoiado pelo LEADER+/ADAE, é o exemplo prático do êxito de um “ tiro certo na tradição”, que move o desenvolvimento local na Alta Estremadura.

Este projecto, promovido pelo MIMO – Museu da imagem em movimento – do Teatro José Lúcio

da Silva de Leiria, surge da constatação de uma progressiva perda de identidade no mundo rural e da necessidade de incentivar os jovens a conhecerem e perpetuarem as lendas, costumes e tradições da sua região, recorrendo para o efeito às novas tecnologias de informação e comunicação.

Era evidente a necessidade de sensibilizar os mais jovens para o mundo do cinema e da animação, como o “caminho” para os levar ao contacto directo com as populações, num processo activo de conhecimento, apropriação e valorização da sua herança cultural, tendo por base as

lendas, tradições, festividades sagradas e profanas, saberes e costumes das zonas onde estão inseridos. Foi proporcionado aos jovens um mais profundo conhecimento do seu passado, levando-os a respeitá-lo e salvaguardá-lo.

Juntando jovens e idosos, uma boa dose de talento, criatividade e uma câmara “Super 8” (um dos primeiros sistemas de filmar portátil para amadores, anterior ao vídeo), foi possível envolver avós e netos num processo de filmagens em que os “netos” incentivavam os “avós” a contarem histórias, tradições e lendas locais.

De câmara de filmar na mão, os jovens andaram de terra em terra, entrevistaram os idosos locais e recolheram imagens de um quotidiano rural, que ainda existe nos nossos concelhos.

As filmagens efectuadas pelos alunos, ou seja cerca de 30 horas de filme, foram entregues em bruto, trabalhadas e montadas pelos técnicos do MIMO e resultaram no documentário final de 20 minutos, intitulado “Disparem à vontade”, que veio integrar o espólio do MIMO.

A estreia foi marcada para o Dia dos Avós, como forma de homenagear e dar a conhecer o papel fundamental que os avós desempenham na sociedade.

Alcina Costa
ADAE

Criatividade em Meio Rural

Prémio entregue às Capuchinhas

Era o ano de 1995 quando, procurei, pela primeira vez, a aldeia de Campo Benfeito. Esse tempo, não muito distante, era um tempo muito diferente do tempo de agora. As estradas faziam a grande diferença, para quem vai de Caldas da Rainha a Campo Benfeito, uma aldeia do concelho de Castro Daire, enfiada na Serra de Montemuro.

Nessa altura, escrevi: “À entrada de Campo Benfeito fica uma escola onde não brincam crianças, nem professoras ensinam letras e números. A porta está aberta, as janelas têm cortinas brancas corridas e no exterior baloçam longas tiras de lã, suspensas em arames. Discreta, uma tabuleta anuncia ser ali a sede das Capuchinhas”.

Na antiga sala de aula, seis mulheres trabalham no tear e na máquina de costura Henriqueta (35 anos), Ester (30) e Helena (30) são costureiras; Ofélia (59 anos), Maria Engrácia (30) e Isabel (22) são tecedeiras.

Foi olhando a paisagem que se abre sobre esta antiga escola que aprendi a estória destas raparigas.

Ester tinha oito irmãos, 16 anos, dos quais seis de escola feita e uns tantos de experiência a trabalhar a terra. Tinha ainda muita vontade de não deixar Campo Benfeito. Mas à medida que via as colegas partirem para a cidade, crescia a certeza de que o futuro não se construía a subir e a descer aquelas serras e vales, ora a tratar de um bocadito de terra, ora a tratar dos animais. A vontade de ficar era, no entanto, enorme. “O futuro poderá passar por aqui um dia”, pensava ela, enquanto se desculpava a si própria e aos outros com a saudade, razão para não partir.

Foi nessa altura (1985) que tomou conhecimento de um programa que apostava na formação das mulheres e que proporcionaria, em Campo Benfeito, um curso de corte e costura. Seria uma minúscula fresta que parecia abrir-se no seu horizonte. Por isso, participou nesse curso e logo no ano seguinte vai, com mais duas pessoas que ainda hoje trabalham nas Capuchinhas, participar num outro curso, no Porto, promovido pela Comissão para a Igualdade dos Direitos das Mulheres (CIDM). A fresta ia-se abrindo progressivamente para estas jovens. Sair de Campo Benfeito, deixar a terra e a família era já uma aventura desmedida, por isso a perspectiva de futuro ainda não se punha.



Capuchinhas / Agneta Bjorkman

Tinham ido para o Porto sem grandes expectativas, embora com um forte desejo de que a formação contribuísse para ficar na aldeia e nunca para a abandonar. Do curso apreenderam facilmente ideias novas e sobretudo aprenderam a valorizar a sua própria cultura. Perceberam que havia saídas profissionais, sem abandonar a sua terra, sobretudo quando lhes diziam “olhem para a vossa cultura que é tão antiga, para os vossos costumes, para o que têm”. Foi esta insistência que as fez redescobrir as capuchas, o que há de mais tradicional e típico na serra. Foram as propostas práticas que fizeram com que o grupo desse um nome à hipotética empresa Capuchinhas. A tabuleta que encontramos à entrada da escola é a concretização do que em 1987 se fazia no curso.

A tal fresta já se abria mais e estas jovens já tinham a certeza que o seu futuro não estaria na cidade. Ouviam aquelas pessoas, que elas hoje consideram terem dado o maior empurrão às suas vidas, com a certeza de que estavam a viver uma oportunidade que queriam a todo o custo agarrar. Terminado o curso, foi o regresso à aldeia. Ester, por exemplo, agarrou-se à máquina de costura da mãe e começou a fazer capuchas - uma espécie de capa feita de lã que, depois de batida no pisão, ficava praticamente impermeável e era (ainda é) usada por mulheres. Tapava o frio no Inverno, e protegia do sol no Verão.

Ainda por iniciativa da CIDM começou a vir apoiá-las a estilista Helena Cardoso que se tornou num elemento fundamental para o progresso e desenvolvimento do grupo. Chegavam ao fim do ano sem dívidas e sem lucros, mas com milhares de horas agarradas às máquinas de costura. Na aldeia comentava-se o facto das rapariguinhas se fartarem de trabalhar, mas de não tirarem daí qualquer resultado lucrativo.



Capuchinhas / Agneta Bjorkman

“Do curso apreenderam facilmente ideias novas e sobretudo aprenderam a valorizar a sua própria cultura.”

É em 1989-90 que estas mulheres vêem os seus esforços compensados, ao serem contempladas com o programa sueco Siv Follin. O objectivo deste programa é apoiar mulheres em situações difíceis mas com perspectivas de sucesso. Era o caso das Capuchinhas. Foi nessa altura que Helena Cardoso, ao serviço da Siv Follin, passa a dedicar mais tempo a esta iniciativa, começando por criar uma pequena colecção, completamente nova. Helena Cardoso incentivava-as, dava-lhes força para acreditarem no que estavam a fazer e valorizava-lhes o trabalho.

O apoio da Siv Follin terminou em 1995, mas o grupo manteve-se a funcionar. Tem uma nova estilista desde 1997, a Paula Caria, que já era sua cliente enquanto Helena Cardoso desempenhava essa função e que continua a dar uma imagem contemporânea às suas criações, mantendo a matéria-prima.

E em 2007, escrevi: “Agora que já sabemos que estas raparigas, cedo feitas mulheres, persistem há mais de 20 anos, lutando em conjunto pela sua independência económica e pelo desenvolvimento local e regional, vejamos objectivamente outros aspectos que fazem delas trabalhadoras de sucesso, em meio rural: implicaram a comunidade no projecto, recorrendo aos saberes antigos das mulheres mais velhas no que diz respeito às técnicas da tecelagem e de tintos; aproveitaram os teares que, sem uso, inevitavelmente apodreceriam e, como tantos outros exemplos que conhecemos, serviriam de alimento às lareiras, no Inverno; aprenderam a usar as plantas e folhas de árvores para tingirem a linho e a lã, matérias-primas ecológicas, tratadas com técnicas, também elas completamente ecológicas; travaram a desertificação da aldeia. Não só ficaram elas, como também os rapazes que, entretanto se tornaram seus maridos e que deram à aldeia mais seis crianças - as primeiras que, nos últimos vinte anos, voltaram à escola e que têm idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos. Das quatro jovens só Isabel ainda não é mãe; e inovaram, criando novos modelos para tecidos antigos e até aí usados só na aldeia, sobretudo em fatos de trabalho, como o burel”.

Actualmente, contribuem para o desenvolvimento local, trazendo a Campo Benfeito clientes e visitas permanentes.

É de realçar também a colaboração que dão a um grupo de teatro local que já se tornou profissional, fazendo-lhes os adereços. No ano de 2006 entrosaram-se no Festival Internacional de Teatro de Montemuro, fazendo elas próprias a passagem dos seus modelos durante o festival e convidando outros jovens das aldeias vizinhas.

As Capuchinhas continuam a mostrar o valor e a importância desta iniciativa, na manutenção e preservação de um património que não tem visibilidade - os saberes, o conhecimento e as etnotecnologias.

Teresa Perdigão

Clube Soroptimista International das Caldas da Rainha



Associação Soroptimist International promove candidatura das Capuchinhas

Foi a Organização Internacional de Mulheres Profissionais denominada Soroptimist International (SI), através do Clube das Caldas da Rainha, que fez a candidatura d' "As Capuchinhas" de Campo Benfeito, Castro Daire, ao prémio internacional de "Criatividade para Mulheres em Meio Rural", instituído pela Women's World Summit Foundation, com sede em Geneve, criado na sequência da Conferência de Pequim sobre a Mulher (1995).

Este prémio é atribuído desde 1996 a mulheres rurais, de todo o mundo, que tenham desenvolvido um projecto auto-sustentável, utilizando a sua criatividade para alterar significativamente a sua vida e a do meio em que se inserem.

Dado que a Soroptimist International tem como principal objectivo a defesa dos direitos humanos e a promoção da mulher em todo o mundo e que eu conhecia o trabalho das Capuchinhas, pareceu-nos que este grupo satisfaria as muitas exigências da candidatura. Para o confirmar *in loco* organizámos uma ida a Campo Benfeito, a 20 de Março deste ano, e rapidamente juntámos os muitos elementos necessários para a candidatura que seguiu para a Suíça no início de Abril.

A 1 de Setembro já estava na Internet o nome das laureadas de 2007, onde, com uma enorme satisfação, vimos incluído o nome das Capuchinhas.

No Dia Mundial da Mulher Rural - 15 de Outubro - foi entregue pela primeira vez em Portugal o Prémio internacional para "Criatividade de Mulheres em Meio Rural". A experiência das laureadas deste prémio já foi difundida a nível europeu e mundial, incluindo todas as Missões das Nações Unidas, dado o objectivo deste prémio estar relacionado com os Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento adoptados pelas Nações Unidas.

RE.CI.PRO.CO

Por uma nova relação entre produtores e consumidores

O Projecto RE.CI.PRO.CO (Relação de Cidadania entre PRODutores e CONsumidores) concretiza uma nova forma de organização local baseada numa maior proximidade e relação de cidadania entre os produtores e consumidores. Em Portugal, este projecto resultou de uma proposta da INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, para a realização de uma experiência piloto com alguns Grupos de Acção Local (GAL) LEADER+, e teve por base o princípio de que somos todos responsáveis pelo mundo em que vivemos, pelos estragos e benefícios que fizemos e pela consciência e envolvimento activo na mudança de atitudes e comportamentos face ao planeta em que vivemos. Dada a experiência realizada, este projecto culminou com a elaboração de um Guia Metodológico com o fim de sistematizar e divulgar os ensinamentos deste projecto-piloto e no qual estão sistematizadas as ideias apresentadas em seguida.

“RE.CI.PRO.CO”: origens do conceito

O RE.CI.PRO.CO advém da ideia de que o êxodo rural e a concentração urbana têm vindo a excluir as populações das cidades da gestão do espaço/natureza e do controlo da qualidade dos alimentos que consomem. Por outro lado, as populações rurais, em particular alguns produtores agrícolas, pressionados por mudanças estruturais e novas dinâmicas sociais, culturais e económicas, são obrigados a adaptarem-se aos interesses do mercado utilizando, por vezes, práticas mais agressivas do ponto de vista ambiental e paisagístico, a abandonarem a profissão ou, mesmo, a deixarem o espaço onde vivem. Procurando quebrar esta lógica, cidadãos de diversos países desenvolveram novas formas de organização e consumo que passam pela reconstrução de uma relação social mais próxima entre agricultores e consumidores, através de parcerias locais e solidárias entre agricultores e consumidores, baseadas no compromisso mútuo de fornecimento/escoamento de alimentos, produzidos nas suas explorações agrícolas, numa remuneração justa, paga antecipadamente e na partilha dos riscos e das vantagens de uma produção sã, adaptada ao ritmo das estações e respeitadora do ambiente, do património natural e cultural e da saúde dos consumidores.

O RE.CI.PRO.CO em Portugal

O conceito do RE.CI.PRO.CO foi introduzido em Portugal, em 2003, com as experiências-piloto realizadas na região de Odemira e do Poceirão, tendo por base a experiência do projecto URGENTE, financiado

pelo Interreg III B e realizado em França. Dado o carácter inovador deste Projecto, a Rede Portuguesa LEADER+ considerou bastante relevante a sua realização em Portugal e, nesta conformidade, o projecto RE.CI.PRO.CO implicou três componentes principais: a sensibilização e organização dos consumidores (Componente 1), o apoio técnico aos GAL (Componente 2) e a realização de um Colóquio Internacional (Componente 3), para troca de experiências e organização, em rede, entre os actores envolvidos em acções similares noutros países e potenciais GAL interessados em implementar esta metodologia.

A sensibilização e organização dos consumidores, operacionalizada pela ProRegiões, garantiu a divulgação do projecto nos diferentes meios de comunicação. Como exemplo deste trabalho destaca-se o convite para a compra do Cabaz de Frescos e a constituição de grupos de consumidores tendo, para o efeito, passado a fornecer informação mais detalhada sobre o tipo de cabaz, o preço e o tipo de hortícolas.

Com o apoio técnico aos GAL LEADER, para entendimento do conceito e implementação do projecto (Componente 2), pretendeu-se generalizar um sistema de apoio metodológico aos animadores dos grupos LEADER que se mostrassem interessados em aderir a este projecto e contou com o apoio técnico da INDE e da TAIPA - Organização Cooperativa para o Desenvolvimento Integrado. Este apoio foi assegurado com a realização de visitas a alguns GAL para discussão do conceito, dos objectivos locais e elaboração do projecto para aplicação e adaptação à realidade local/regional.

O Colóquio Internacional de Palmela (Componente 3), realizado de 3 a 6 de Dezembro de 2005, contou com 166 participantes, dos quais 93 estrangeiros, vindos de 17 países diferentes. Permitiu dar visibilidade ao Projecto RE.CI.PRO.CO e possibilitou a troca de experiências entre intervenções similares noutros países. Durante o evento foram lançadas as bases da criação oficial da Rede Internacional URGENCI dando sequência ao processo que se iniciou em 2004 em Aubagne, França (www.urgenci.net). A disseminação desta experiência e a partilha dos seus ensinamentos permite que se identifiquem um conjunto de ideias significativas, como sejam:

1. A relação de confiança entre consumidores e produtores é um elemento-chave, pois a idoneidade e seriedade do produtor, o seu compromisso para cumprimento das regras de qualidade e respeito pelo ambiente, tem uma importância acrescida, e são elementos fundamentais para a construção progressiva de uma relação de confiança entre o produtor e os consumidores, na base de uma relação de proximidade e cidadania.
2. O envolvimento dos consumidores é muito importante e deve apoiar-se em pessoas que se organizem em rede. Deste modo, o contacto com os consumidores deve ser efectuado atendendo à realidade e contexto local, podendo recorrer-se a uma rede associativa local, à identificação de grupos de pessoas (escolas, universidades, hospitais, outras comunidades específicas) que não tenham estratégias locais para a aquisição destes produtos ou pessoas com apetência por este tipo de relação, de cidadania, que estejam interessadas numa alimentação sã, na base de produtos frescos locais.
3. A organização dos cabazes é uma actividade que exige disponibilidade e atenção para com os gostos e necessidades dos consumidores, cuidando da sua apresentação e entrega, e é um processo que implica um acordo, no sentido de se identificarem os produtos em que estes têm mais ou menos interesse. A qualidade dos produtos é prioritária, no processo RE.CI.PRO.CO, pelo que se recomenda que a sua promoção esteja associada, sempre que possível, a modos de produção ecológicos ou à comercialização



de variedades locais, na perspectiva de que os produtos devem ser frescos, com utilização de poucos ou nenhuns fertilizantes sintéticos e pesticidas de síntese, tentando-se assegurar a intenção, por parte do agricultor, de reduzir as suas quantidades e de responder positivamente à preservação da biodiversidade.

4. A entrega do cabaz ao consumidor é um momento muito importante pois, dada a natureza deste processo – que investe nas relações de proximidade – deve-se privilegiar a deslocação do consumidor à exploração agrícola, de forma a envolvê-lo no processo produtivo e nas dificuldades da produção. Desta forma, maximiza-se também a confiança do consumidor na qualidade do produto e o nível de responsabilidade do produtor, ajudando a criar os vínculos que, num futuro, dão mais segurança ao contrato a estabelecer com o produtor. As modalidades de distribuição dos cabazes, assim como a frequência, o local e o horário devem ser definidas, uma vez que variam conforme as particularidades dos diferentes locais onde este método se operacionaliza.

RE.CI.PRO.CO: perspectivas para o futuro

O lançamento e a difusão do RE.CI.PRO.CO, em Portugal, abriu novas perspectivas de relação entre as zonas urbanas e rurais, que ultrapassam a mera comercialização de produtos alimentares, como sejam, a ideia de uma carta ética de co-responsabilidade territorial local, a participação cidadã dos consumidores que vivem nas cidades, o compromisso organizado entre um grupo de agricultores, da mesma comunidade ou aldeia, e um grupo de consumidores de uma dada região, permitindo desenvolver uma dinâmica colectiva, criando laços sociais entre habitantes das cidades e das aldeias.

Uma das questões que se coloca relaciona-se com o modo de passar do compromisso assumido entre um grupo de consumidores e um grupo de produtores a um compromisso global a nível de um dado território. Dada a importância e pertinência desta problemática, equacionou-se a possibilidade de uma carta ética de co-responsabilidade territorial, em que todos assumem o compromisso da preservação de uma agricultura sustentável, com uma dimensão social e territorial. Por outro lado, a mobilização dos consumidores, pode enquadrar-se também na importância da manutenção de uma agricultura familiar de qualidade, não só para a alimentação e saúde dos consumidores, mas também para evitar a descaracterização das zonas peri-urbanas, a desertificação das zonas rurais, ou mesmo contribuir para contrariar o processo de desertificação humana das zonas rurais.

A constituição de uma Rede Nacional dos RE.CI.PRO.CO, baseada na organização dos próprios produtores e consumidores, passando a ser, eles próprios, os responsáveis pela disseminação do conceito é agora a tarefa central desta experiência. As dificuldades encontradas durante este primeiro ano e meio de difusão do conceito a nível nacional, tendem a demonstrar que a implementação de relações de cidadania entre produtores e consumidores não pode ser realizada unicamente a partir de um processo de “animação territorial” dos grupos LEADER mas tem que se inscrever, também, num movimento de cidadania activa, que ultrapassa a escala territorial e do qual os protagonistas deverão ser os próprios consumidores e produtores já envolvidos.

Maria do Rosário Serafim
Rede Portuguesa LEADER+,
DGADR (Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural)

Testemunhos

Um apicultor, uma agricultora e um consumidor dão a cara e a palavra para testemunhar o compromisso assumido com o projecto RE.CI.PRO.CO.



José Gomes, 58 anos. Apicultor. Conta-nos, com grande orgulho, que em Novembro de 2006, em Seia, recebeu o 2º Prémio do Fórum Apicultura. Aos 49 anos de idade reformou-se do sector bancário. Desde então decidiu dedicar-se à agricultura. É na sua exploração, localizada na freguesia de Carvalhais, em São Pedro do Sul, onde reside, que passa a maior parte do tempo, em sintonia com a natureza. Para além da apicultura, na exploração produz alguns produtos hortícolas e cria também os seus animais (pequena pecuária). É produtor do RE.CI.PRO.CO e, como tal, leva muito a sério o seu compromisso em fornecer produtos de qualidade aos consumidores.



Rita Cristina Rodrigues, 29 anos. Produtora agrícola em modo de produção integrada. Natural da freguesia de Arcozelo e residente no lugar de Aldeia, freguesia de Vila Maior, dedica-se à agricultura, desde 2002. Faz da agricultura a sua actividade profissional principal. Considera que esta via económica é muito difícil para os jovens que pretendam ser agricultores. Conta-nos que, no início, quando se aventurou e decidiu dedicar-se de corpo e alma à agricultura, “foi muito difícil”. A maior dificuldade foi encontrar mercado para escoar os produtos que produzia na sua exploração. Mas com muita perseverança procurou alguns apoios, nomeadamente do Programa AGROS, e construiu dez estufas. Diz-nos que teve sorte e neste momento tem, felizmente, mercado para praticamente todos os produtos que produz. Hoje, é a produtora agrícola mais jovem do “Cabaz Terras de São Pedro do Sul”. Para esta jovem, o cabaz é uma mais-valia para os pequenos agricultores, que através do projecto RE.CI.PRO.CO conseguiram encontrar uma forma de escoar os seus produtos agrícolas e, assim, melhorar as condições de vida dos agricultores locais e das suas famílias.



Raul Almeida, 56 anos. Consumidor do RE.CI.PRO.CO de Odemira, desde 2003. De quinze em quinze dias, compra um cabaz de 15kg. Uma das suas principais preocupações é a qualidade dos alimentos que consome. Para ele, o RE.CI.PRO.CO é um projecto inovador e de extrema importância, que dá oportunidade não só aos produtores agrícolas de escoarem os excedentes e obterem, assim, um rendimento complementar, mas também aos consumidores de consumirem produtos alimentícios saudáveis, vindos directamente das mãos dos que trabalham as terras e que estão ao alcance de todos, quer economicamente, quer em proximidade.

Esmeralda Pinto Correia
E-Geo Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa

Seminário sobre o desenvolvimento rural

Resultados e Novas Oportunidades

No dia 27 de Setembro de 2007, o Monte - A.C.E. promoveu um seminário para apresentar a avaliação dos resultados da Iniciativa Comunitária LEADER+ no Alentejo Central.

O Centro Cultural de Redondo acolheu, no âmbito deste seminário, três ateliers de trabalho com vista à dinamização de um itinerário para apresentar na Universidade Rural Europeia que terá lugar em Junho de 2008 na Polónia.

O seminário “Desenvolvimento Rural: Resultados e Novas Oportunidades” contou com cerca de 100 participantes, representando promotores do LEADER+, técnicos da administração pública, investigadores, estudantes universitários, empresários, técnicos e dirigentes de organizações de desenvolvimento local.

A abordagem LEADER esteve a cargo de Rui Batista, chefe da Unidade de Gestão Nacional do Programa LEADER+, tendo a coordenadora do Grupo Acção Local (GAL) do Monte, Marta Alter, apresentado os principais resultados da execução da Iniciativa LEADER+ no Alentejo Central. Das conclusões destacam-se os impactos em termos de criação e manutenção do emprego na região (219 postos de trabalho), maioritariamente (55 por cento) do sexo feminino, como os efeitos desmultiplicadores e de diversificação da base económica da região, gerados pelos apoios LEADER+ a projectos nas áreas do ambiente, produtos locais e património dos territórios rurais.

A apresentação da APURE - Association pour les Universités Rurales Européennes esteve a cargo do seu presidente, Camilo Mortágua. Antonio Realinho, representante da ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro – Sul, chefe de fila do projecto de cooperação interterritorial “Mais Além”, uma parceria entre o Monte, ADRACES e ADRAT – Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega, apresentou os objectivos do projecto, acentuando o carácter de reflexão e de troca de experiências que se pretende dinamizar nas zonas rurais, em torno dos temas de novos produtos turísticos, gestão da paisagem rural e dos (novos) produtos do artesanato, que vieram a dar corpo aos três ateliers desenvolvidos na segunda parte do Seminário.

Os trabalhos desenvolvidos nos três ateliers levantaram pistas muito interessantes para a dinamização das futuras estratégias de desenvolvimento local nos territórios rurais. Dos resultados alcançados nos três ateliers, apresentados na forma de matriz SWOT (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças), destacamos as seguintes recomendações: incentivar e dinamizar (novas) redes integradas de oferta turística, procurar ajustar conteúdos formativos, destinados aos gestores/proprietários, à especificidade do turismo de pequena escala; dinamizar a diversificação agrícola como factor de sustentabilidade e de competitividade; basear a diversificação no conceito de fileira; aumentar a proximidade entre produtor e produtos, e o consumidor final; evidenciar melhor as características económicas e de mercado desta actividade e dos seus profissionais; melhorar as competências de gestão dos seus profissionais; dinamizar (novos) canais de comunicação com o público.

Durante o seminário houve ainda a oportunidade de lançar a semana promocional “Alentejo Rural”, que decorreu entre 19 e 31 de Outubro, no espaço da Loja Portugal Rural.

Marta Alter



Monte ACE



Monte ACE



A Governância no Século XXI
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico; GEPE – Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica do Ministério da Economia; 2001

O século XXI traz consigo profundas transformações da economia e sociedade. A integração de mercados, introdução de novas tecnologias, aumento intenso de conhecimento e actividade humana, complexificam o Mundo. Daí a emergência de necessidades de condução e novas formas de organização e decisão, exigidas a nível local, nacional e global, para responder a estes novos desafios. É cada vez mais certo que as tradicionais formas de governância do sector público, empresas e sociedade civil “estão a tornar-se mais ineficazes”. As novas formas, que ocorrerão ao longo das próximas décadas, exigem “um leque muito mais vasto de actores”, e uma “difusão alargada da responsabilidade e da tomada de decisão que são a base da capacidade de inovação e criatividade de indivíduos e grupos”. A publicação aborda oportunidades e riscos tecnológicos, económicos e sociais a que os decisores terão de responder nos próximos anos, ao mesmo tempo que esboça argumentos de forma a que a sociedade possa gerir o seu futuro de modo mais flexível e com a participação alargada dos seus cidadãos.



Revista VIVER – Vidas e Veredas da Raia
ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul; Junho, Julho Agosto 06/07
Co-financiamento Programa LEADER+

“A arte precisa de tempo, sem ele, o artista fica limitado a reproduzir, em vez de criar!” O novo número da revista VIVER – Vidas e Veredas da Raia, publicação trimestral, de distribuição gratuita, editada pela ADRACES, tem como grande tema os “Artesãos e Artes Populares da BIS [Beira Interior Sul]”, e garante tempo e espaço para discutir a arte popular, analisar os produtos locais, e contar as histórias dos criadores e guardiões das artes e ofícios, bem como de outras actividades em vias de extinção. Tempo ainda para rubricas habituais como a “Tribuna da cidadania”, para conhecer um “enorme” cidadão albacastrense”, ou o “Tem a palavra”, além de, a fechar, lançar um olhar para o “Aprendendo com os outros”, um texto acerca da Lei sobre as Associações de Desenvolvimento Local, de Cabo Verde, útil para “servir de inspiração” e “para incentivar a reflexão de políticos decisores e legisladores, e Dirigentes e Técnicos das associações de Desenvolvimento Local deste nosso país.”



A sociedade em rede em Portugal
Cardoso, Gustavo, António Firmino da Costa, Cristina Palma Conceição, e Maria do Carmo Gomes; Campo das Letras - Editores; 2005

Profundas mudanças no âmbito da tecnologia, economia, cultura, comunicação, política e relação entre as pessoas marcam o nosso mundo. “A sociedade em rede, resultado dessa mudança, deixou de ser um futuro mais ou menos distante. Como sugere Manuel Castells, a sociedade em rede é já a sociedade em que estamos a entrar, desde há algum tempo, depois de mais de um século de sociedade industrial.” Neste livro, feito com base num estudo conduzido por uma equipa do CIES-ISCTE, inspirado pelos trabalhos de Manuel Castells, e apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, pretende-se analisar a transição de Portugal para uma sociedade em rede, de base informacional, captando, ao mesmo tempo, as influências da Internet na vida quotidiana. Depois de um primeiro capítulo introdutório denominado “A sociedade em rede”, da autoria de Castells, o estudo desenvolve-se ao longo de mais oito capítulos: Processo de mudança estrutural na sociedade portuguesa; Portugal no mundo: a Internet no contexto global; Padrões de uso da Internet na sociedade portuguesa; Redes de sociabilidade, Internet e quotidiano; A Internet e os media: práticas comunicacionais e acesso à informação; Referências identitárias, práticas de cidadania e utilização da Internet; Portugal na transição para a sociedade em rede: uma clivagem geracional; e Projectos de autonomia e Internet; nos quais se pretende descortinar a adaptação da sociedade portuguesa para a sociedade em rede.



Território Artes
Ministério da Cultura; Direcção-Geral das Artes; 2007

Revista de divulgação cultural, da Direcção-Geral das Artes que aborda o Território Artes, Programa de descentralização das artes e formação de públicos, corporizando uma das medidas do Programa do Governo para a área da cultura, “de apoio à difusão cultural de forma a estimular a itinerância de espectáculos e exposições à escala nacional”. Na revista encontramos espaço para divulgação institucional do Programa Território Artes, que disponibiliza uma apresentação, explicações acerca da lógica de funcionamento em rede e das ferramentas utilizadas nesse sentido, aspectos de monitorização e avaliação bem como a entidade, Observatório das Actividades Culturais, que desenvolve este processo, e apresentação de resultados obtidos, que nos permite saber que o projecto conta já com a “adesão de 70% dos municípios”, além de indicações de regulamentação do Programa, com indicativos acerca do Decreto-Lei e Portaria que o regulamentam. Este número põe em destaque o Teatro Circo de Braga “no centro do desenvolvimento cultural da cidade”, enquanto Castelo Branco é o exemplo de intervenção e investimento no quadro do Território Artes. No Depoimento, é feita uma análise das “políticas municipais para a cultura”. A intervenção de Teresa Ricou no Chapitô foi alvo da reportagem. Depois, além da opinião, são páginas e páginas de roteiro a mostrar o muito que se faz um pouco por todo o país.

www.ao-norte.com



Site da Ao Norte–Associação de Produção e Animação Audio-visual, formada com o objectivo de desenvolver actividades de produção e animação audiovisual, e que funciona como cineclube de Viana do Castelo. Do currículo da associação constam centenas de filmes exibidos, dois documentários de produção própria, a organização do festival Encontros de Viana, acções de formação de documentarismo, trabalho junto das escolas da região e um centro de documentação com centenas de títulos cinematográficos e bibliográficos. No site está acessível muita informação sobre a associação e as suas actividades. Em Ao Norte, encontramos Corpos gerentes, Estatutos, Quem somos, Contactos, e Espaço Ao Norte. O Cineclube apresenta filmes em exibição, guardando um espaço para a Memória. Na Formação lançamos um olhar sobre as iniciativas: Histórias na Praça, Olhar o Real, Eco Postal e Vídeo na Escola, e a Produção deixa ver os documentários produzidos e em produção. As últimas edições dos Encontros de Viana ocupam um lugar de destaque, com filmes premiados, exposições, workshops. Por fim, o Centro de Documentação abre portas ao espólio da Biblioteca e DVDteca, antes de lhe possibilitar tornar-se sócio.

www.adices.pt



Novo site da Adices, cuja página de abertura deixa espaço aos Destaques, deixando ver actualidades, notícias e novidades na intervenção da associação. O site disponibiliza informação actualizada sobre a associação (Apresentação, Histórico, Objectivos, Órgãos Sociais, Organigrama e Associados), Território (com apresentação da zona de intervenção – Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão e Tondela – e dados estatísticos) e Programas / Projectos (LEADER+, Planos de Intervenção, Centro Rural, Contrato Aldeia, CNO/RVCC, Formação, Pacto e Microcrédito). O Turismo vai ter um espaço próprio que ainda está em construção. Um calendário deixa descobrir eventos com a participação da Adices, abrindo ainda uma janela para outros eventos na região. Esta dinâmica de interacção com os visitantes prolonga-se com as possibilidades de inscrição no Centro Novas Oportunidades, no Pacto de Desenvolvimento para o Território, no sistema de microcrédito SM, e nas acções de Formação da Adices, como também na “Bolsa de Formadores”. Esta dinâmica prolonga-se num inquérito online e está patente na possibilidade de subscrição da newsletter.

www.iartes.pt/



Site da Direcção-Geral das Artes, disponível em duas línguas (português e inglês), e que partilha informação acerca da DGArtes (orgânica, instrumentos de gestão, apoios e incentivos), além de disponibilizar um logotipo e, noutra secção, os contactos da instituição. Na secção Apoio às Artes é possível conhecer o Regime Jurídico de Apoios, com o devido enquadramento legal. Acções Nacionais e Acções Internacionais dão uma mostra de actividades desenvolvidas com o apoio da DGArtes. A secção Imprensa garante a divulgação de dossiês de imprensa e outra informação para os meios de comunicação social. A Colecção de Arte permite a consulta de peças da Colecção de Artes online da instituição, enquanto o Território Artes – Oficina Virtual permite conhecer este programa de descentralização das artes e formação dos públicos. Em Património Musical pretende-se divulgar o acervo de partituras e gravações de obras de compositores portugueses existente no Gabinete de Música, bem como respectivas biografias. Por fim, o Net.Arte funciona como uma galeria virtual.

Azeite da Beira Interior Norte

Por terras sinuosas, oliveiras generosas erguem-se nas encostas do rio Côa. Xistosa e fragosa, esta zona guarda o segredo dum “ouro liquido” virgem, fruto do fruto, ora verde ora preto, embebido da humidade que nestas terras agrestes dá cor, sabor e valor ao azeite.



João Limão



João Limão

Carlos Alberto Videira dos Santos, presidente da Junta da Freguesia e da Casa do Povo de Pinhel, conhece a laboração da azeitona. Apesar de não ser a sua actividade principal, este homem ganhou paixão pela vivência agrícola. Era jovem quando entrou pela primeira vez neste lagar tradicional, autêntica peça de museu, hoje património da família. Apesar de não laborar, continua operacional. Abriga um monumental engenho, cuja particularidade é ser movido por duas rodas motrizes de madeira que accionam um dínamo, que produz a energia eléctrica para o lagar. Carlos Videira espera num futuro próximo obter um financiamento para levar a cabo a recuperação deste património industrial e abrir as portas ao público em geral.

Ao atravessar uma ponte de dois arcos sobre a ribeira das Cabras, concelho de Pinhel, eis o lagar em questão. Domina um espaço bucólico, património do produtor de azeite que nos guia por um anexo com um ambiente frio e seco, onde instalou, faz seis anos, um sistema moderno de laboração, em aço inoxidável e “ecológico”. “O lagar fica junto a uma ribeira. Não queria deteriorar as características ambientais desta zona, mas sim criar um produto mais pequeno, diferente dos outros.”

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”

Ao navegar na internet descobriu, numas páginas italianas, o método adequado às suas exigências, amigo do ambiente e da saúde. “Isto é uma lavadoura de azeitona totalmente em aço inoxidável. A seguir à lavagem de chuveiro com água corrente, a azeitona é enviada para uma batedeira que não leva mais de 300 quilos. O sistema é totalmente a frio. Depois passa para uma segunda batedeira. Quando

as batedeiras têm a mesma quantidade de azeitona, inicia-se o processo de extracção sem água, nem aquecimento. Finalmente, vem a trituração, que segrega uma massa que gera por um lado o azeite e por outro águas ruças, misturadas com bagaços. Até aí continua a não haver intervenção de águas quentes, o azeite sai na bica a frio. Os excedentes são colocados numas tulhas antigas para mais tarde, no mês de Maio, servirem de estrume, mediante as necessidades da terra.” O segredo, ecológica e palativamente, correcto deriva da produção a frio e garante a preservação das características químicas, biológicas e organolépticas do produto que não podem sobreviver às temperaturas altas dos sistemas comumente industriais.

Devagar se vai ao longe

A qualidade deste azeite deve-se não só ao sistema ecológico de transformação, mas também ao trabalho minucioso de Carlos Videira. A produção quer-se, deliberadamente, pequena, pois o método italiano também não permite laborar mais de 300 a 400 quilos/hora. Assim, o proprietário do lagar tem todo o tempo do mundo e motivação para escolher a azeitona “a dedo”. “Os meus tanques não são muito grandes. Separo as azeitonas por lotes e consigo assim saber que um tanque tem determinado tipo de azeitona, colhida em tal dia e em tal parte.” Refira-se que a colheita é, também ela, cuidada, acontece, imperativamente, “antes da vida”, ou seja, ainda na árvore. “Prefiro a azeitona no início da laboração, para se armazenar com determinadas características. Em Dezembro, acabamos por ter um produto já um bocadinho diferente. Antecipo a abertura de todos os lagares, para poder separar e condicionar como eu quero.”

A opção pelo sistema a frio não é pacífica. Não só requer mais trabalho, como o retorno do investimento é moroso. O produtor explica-se, “optei por tentar valorizar o produto pela diferença e não pela quantidade”. O próximo passo importante para manter os níveis de exigência de qualidade e valorização do produto consistiu em adquirir o próprio processo de embalagem, assim como criar e registar três marcas: o topo de gama “Diamante do Côa”, virgem extra, com 0,2 por cento de acidez, embalado em garrafas de meio litro ou 0,75l; o “Fraga do Côa”, um virgem extra, mais frutado, que oscila entre os 0,6 e 0,7 por cento de acidez; e, por último, o “Côa Azeite”, dono de um paladar mais acentuado, entre 0,9 e 1,0 por cento, vendido em garrações. De 120 a 150 toneladas da azeitona processada resulta um volume de produção que varia entre as oito e 12 toneladas de azeite.

Entretanto, o investimento total neste projecto já ultrapassou os 100 mil euros, dos quais cerca de 30 mil, apoiados pelo LEADER+ para remodelação e requalificação do lagar. Num perspectiva futura de marketing e comercialização, Carlos Videira pensa pedir mais um apoio.

Hoje, os produtos distribuídos a nível local, seguem também para outros pontos de venda ou consumidores particulares no litoral e sul do País. No mercado externo, encontram-se em algumas lojas de produtos regionais em Espanha e em França. A divulgação é feita através dum site promocional, por agora ainda incompleto, e a presença criteriosa nalgumas feiras.

Maria do Rosário Aranha

Carlos Videira
Rua da República, n.º 6
6400-440 Pinhel Tel.: 271 413 231

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 47 - 2008

Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 843 58 70 / Fax: 21 843 58 71
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Cristina Cavaco/INDE, Gestor do Programa LEADER+, Francisco Botelho/INDE, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/DGADR, Rui Veríssimo Batista/DGADR

Redacção

Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha, Paula Matos dos Santos

Colaboraram neste número

Ader-Sousa, Agneta Bjorkman, Alcina Costa (ADAE), Esmeralda Pinto Correia (E-GEO, UNL), Maria do Rosário Serafim (DGADR), Orlando Farinha (DG Artes) e Teresa Perdigão (Clube SI das Caldas da Rainha)

Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Impresso em Janeiro de 2008

Distribuição

DGADR - Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural
Rede Portuguesa LEADER+
Tapada da Ajuda - Edifício I
1349-018 Lisboa
Telf.: 21 361 32 57 / Fax: 21 361 32 77

Tiragem

6.000 exemplares

Depósito Legal

n.º 142 507/99

Registo ICS

n.º 123 607

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a do proprietário e Conselho Editorial deste jornal.



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



Comissão Europeia
Programa LEADER+